

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

FELIPE RAVISON PAVEGLIO

**O PONTO DE VISTA TOPOLÓGICO DA PSIQUE EM FREUD**

Porto Alegre

2022

FELIPE RAVISON PAVEGLIO

**O PONTO DE VISTA TOPOLÓGICO DA PSIQUE EM FREUD**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Renato Duarte Fonseca.

Porto Alegre

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Ravison Paveglio, Felipe  
O PONTO DE VISTA TOPOLÓGICO DA PSIQUE EM FREUD /  
Felipe Ravison Paveglio. -- 2022.  
61 f.  
Orientador: Renato Duarte Fonseca.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em  
Filosofia, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Freud. 2. Aparelho psíquico. 3. Primeira e  
Segunda topologias. 4. Inconsciente. 5. Psicanálise.  
I. Duarte Fonseca, Renato, orient. II. Título.

**FELIPE RAVISON PAVEGLIO**

**O PONTO DE VISTA TOPOLÓGICO DA PSIQUE EM FREUD**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Renato Duarte Fonseca.

**Aprovado em: 18 de outubro de 2022**

**Conceito Final: A**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Felipe Gonçalves Silva**  
**Departamento de Filosofia**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**

---

**Prof. Dr. Ricardo Crissiuma**  
**Departamento de Filosofia**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**

*Aos meus pais, Rita e Gian.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, por terem me permitido e possibilitado a oportunidade de escolher um curso um tanto incomum como o de Filosofia, e pelo incondicional apoio que sempre me deram.

Em segundo lugar, um especial agradecimento a alguém que tenho muito apreço, meu orientador, professor Renato Fonseca, que esteve presente durante toda minha graduação com suas aulas, e que aceitou me orientar em um trabalho cujo tema destoava um tanto de suas pesquisas até então.

Agradeço também aos Professores Felipe Gonçalves Silva e Ricardo Crissiuma pela participação em minha banca.

Por último, deixo meus agradecimentos a todos amigos, colegas, professores, familiares e pessoas próximas que de algum modo contribuíram com a conclusão desta etapa em minha jornada.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo tratar de um assunto central na obra de Sigmund Freud — o seu ponto de vista topológico da psique. Não se trata de uma minuciosa investigação dos textos de Freud, mas sim de um sobrevoo sobre as obras mais fundamentais que compõem a primeira e segunda topologias do aparelho psíquico, a fim de compreender o que leva o autor a desenvolver tais noções e quais argumentos as fundamentam. Sendo assim, a primeira parte do trabalho se propõe a tratar daqueles conceitos que estão na gênese da primeira topologia, buscando também analisar os argumentos apresentados pelo autor para justificar sua posição, tendo como base os principais textos que compõem esta etapa do pensamento do autor. A segunda parte do trabalho se concentra na explicação dos novos conceitos apresentados na obra que consolida a chamada segunda topologia, *O Eu e o Id (1923)*, na qual Freud faz uma reformulação de seu sistema teórico tendo em vista uma série de pressões teóricas que recaiam sobre aquilo que foi suposto na sua primeira topologia.

Palavras-chaves: Freud. Primeira topologia. Segunda topologia. Aparelho psíquico. Psicanálise. Inconsciente.

## ABSTRACT

This work aims to address a central issue in the work of Sigmund Freud — his topological view of the psyche. It is not a detailed investigation of Freud's texts, but one about the most detailed works that investigated the first and second topology of the psychic apparatus, in order to understand what leads the author to develop such notions and what arguments support them. Therefore, the first part of the work proposes to deal with those concepts that are in the genesis of the first topology, also seeking to analyze the arguments presented by the author to justify his position, based on the main texts that make up this stage of the author's thought. The second part of the work focuses on the explanation of the new concepts presented in the work that consolidates the so-called second topology, *The Ego and the Id* (1923), in which Freud reformulates his theoretical system in view of a series of theoretical pressures that fall on what was assumed in their first topology.

Keywords: Freud. First topology. Second topology. Psychic apparatus. Psychoanalysis. Unconscious.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. ESCRITOS PRÉ-PSICANALÍTICOS.....</b>	<b>14</b>
2.1 Estudos sobre histeria.....	14
<b>3. A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS.....</b>	<b>19</b>
3.1 A Regressão.....	19
<b>4. A PRIMEIRA TOPOLOGIA NO ARTIGO O INCONSCIENTE.....</b>	<b>25</b>
4.1 Justificação do Inconsciente.....	25
4.2 Os diferentes sentidos de Inconsciente e a noção topológica.....	31
4.3 A repressão e a dinâmica do aparelho psíquico.....	33
4.4 A comunicação entre os sistemas psíquicos.....	36
4.5 Afetos inconscientes.....	38
4.6 As particularidades do sistema Ics.....	39
4.7 O tornar consciente das representações inconscientes.....	41
<b>5. A SEGUNDA TOPOLOGIA.....</b>	<b>43</b>
5.1 O Eu e o Id.....	46
5.2 Id, Eu e Super-Eu.....	48
5.3 Instinto sexual e Instinto de morte.....	51
5.4 As relações entre as novas instâncias psíquicas.....	54
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>

## 1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho, objetivamos fazer um estudo geral a respeito das obras que envolvem as duas topologias de Sigmund Freud, nome dado à sua teoria do aparelho psíquico ou teoria da mente.

A noção central do seu pensamento se encontra na noção de inconsciente. Embora essa noção já pudesse ser encontrada em alguns autores como Schopenhauer, Leibniz, Nietzsche, etc., é apenas com Freud que ela vai tomar corpo e relevância, não só no debate psicológico como também no debate filosófico. A noção de inconsciente defendida por Freud não se trata apenas de um estado mental que se encontra com “menos consciência”, ou um estado mental onde a consciência é mais fraca, como se existissem gradações de consciência; o que Freud propõe é que o nosso aparelho psíquico é composto de diferentes lugares psíquicos, que por sua vez constituem sistemas psíquicos independentes, com suas próprias leis e processos, e que entre esses sistemas há um jogo de forças — um conflito, uma tensão de energia psíquica — que denota o caráter dinâmico da nossa psique, e um desses sistemas é o inconsciente, do qual não temos acesso direto. Essa noção topológico-sistemático-dinâmica é o que caracteriza a teoria do aparelho psíquico de Freud e em parte também o que ele denomina metapsicologia, que é o estudo que descreve um processo psíquico em suas relações dinâmicas, topológicas e econômicas — o termo econômico aqui diz respeito a quantidade de energia psíquica no aparelho psíquico e seu papel em relação aos sistemas psíquicos.<sup>1</sup>

O inconsciente e o ponto de vista topológico da psique em Freud têm sua gênese na noção de resistência. Esse fenômeno foi observado por Freud na clínica com pacientes histéricos, que ele descreve em detalhes na obra *Estudos sobre a histeria*, publicada em conjunto com seu parceiro Joseph Breuer. Freud percebeu que seus pacientes histéricos tinham uma certa resistência mental a certos assuntos, como se houvesse uma força na mente do paciente que estivesse se opondo a que certas representações se tornassem conscientes. A essa força Freud deu o nome de repressão. A repressão seria responsável por jogar ao abismo do inconsciente certas representações que eram vistas como perigosas ao sujeito, ao Eu. A repressão entendida nesses termos supõe, ou melhor, implica uma divisão topológica da psique, no sentido de ser dividida em certos lugares psíquicos, e que tais lugares tenham diferentes características. Aquilo que é objeto de consciência presente para o paciente não pode se localizar no mesmo local que aquela representação que está sendo impedida de consciência. Deve haver, portanto, um outro local psíquico, onde ficam armazenadas essas

---

<sup>1</sup> FREUD, Sigmund, *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2010, p. 121.

representações inconscientes. Mas não apenas um lugar psíquico, Freud supõe que o aparelho psíquico é formado por diferentes sistemas psíquicos, com características diferentes. Essa noção sistemática da psique só terá seu desenvolvimento no capítulo VII de *A Interpretação dos sonhos*, onde, de maneira detalhada e esquemática, Freud apresenta de forma mais madura seu entendimento a respeito dos sistemas que constituem o aparelho psíquico e inaugura a chamada primeira topologia.

O presente trabalho foi dividido em seis capítulos, sendo que o primeiro deles se trata dessa introdução. No segundo capítulo nos detemos a analisar a obra *Estudos sobre a histeria*, e o nascimento das principais noções da teoria freudiana, como a noção de inconsciente e a noção de repressão, já brevemente apresentadas no parágrafo acima. No terceiro capítulo nos dedicamos à exposição da seção B, do capítulo VII de *A Interpretação dos sonhos*, onde Freud apresenta a noção topológico-sistemática do aparelho psíquico. É interessante ressaltar que essa primeira concepção apresentada por Freud de um modelo de aparelho psíquico se encontra muito próxima do que a neurologia da época utilizava, o chamado esquema de arco reflexo. Neste capítulo será central compreender que o aparelho psíquico é dividido em sistemas, e que estes têm uma ordem fixa e diferentes funções, e que tal aparelho tem um sentido, que vai da extremidade perceptiva à extremidade motora, no qual a energia psíquica passa, respectivamente, pelos sistemas mnemônicos, sistema inconsciente, sistema pré-consciente, e então é descarregado pela consciência através do sistema motor.

O que é apresentado por Freud no capítulo VII terá seu desenvolvimento e consolidação apenas em 1915, nos Ensaio de metapsicologia, onde Freud se propõe, mais especificamente no artigo *O Inconsciente*, a justificar e dar fundamento à sua noção de sistemas psíquicos, que tem como núcleo o conceito de inconsciente. Esse artigo é objeto de estudo do capítulo quatro do presente trabalho, onde veremos os argumentos que Freud apresenta para defender sua noção de inconsciente e apresentar a caracterização dada aos diferentes sistemas psíquicos em seus processos, leis e relações que mantém com os outros sistemas. Também a repressão, força psíquica que impede que certas representações cheguem à consciência do sujeito, será melhor explicada neste capítulo, dada sua importância para a noção de inconsciente e para toda a teoria psicanalítica.

No capítulo cinco nos dedicaremos à obra *O Eu e o Id*, publicada em 1923, que consolida a chamada segunda topologia. Nessa etapa do pensamento freudiano há a introdução de três novas instâncias psíquicas — Eu, Id e Super-eu — e nosso objetivo será explicar o que motivou Freud a supor uma segunda topologia, do que ela se trata, e como essas novas instâncias se relacionam entre si e com aqueles sistemas da primeira topologia.

Por fim, o sexto capítulo trata-se da conclusão deste trabalho, a fim de fazer apenas uma recapitulação do que foi dito e das conclusões às quais Freud chegou nos textos aqui analisados.

## 2. ESCRITOS PRÉ-PSICANALÍTICOS

Podemos dizer que os textos de Freud anteriores à publicação de *A Interpretação dos Sonhos* constituem o que se chama de “pré-história da psicanálise”. No *Projeto para uma Psicologia científica*, escrito por Freud em 1895, já encontramos uma primeira formulação a respeito de um mental inconsciente. Embora Freud nunca tenha publicado tal obra, e só tivemos acesso a ela pois ele enviou um exemplar ao seu amigo Fliess, sua ideia nesse momento inicial era introduzir a psicologia nas ciências naturais, e é possível notar que nesse texto, influenciado pelas descobertas neurofisiológicas da época, como a descoberta do neurônio em 1891, Freud escreve em termos muito próximos da neurofisiologia, que estava obtendo grandes avanços na época. A partir disso ele desenvolve uma noção de psique toda fundamentada em termos *energéticos*, i.e., a noção de que no aparelho psíquico há uma certa quantidade de energia circulando entre os neurônios, e cuja energia sempre busca uma via de descarga. Freud irá abandonar essa visão cerebral-anatômica já em 1895, e em *A Interpretação dos sonhos*, de 1900, apresentará seu novo entendimento sobre o aparelho psíquico, apesar de conservar o modelo do arco reflexo da neurologia.

No mesmo ano em que Freud escreveu o *Projeto*, publicou junto com Joseph Breuer o *Estudos sobre a histeria*, um conjunto de textos escritos entre 1893 e 1895. Essa obra é dividida em quatro partes, sendo a primeira chamada de *Comunicação preliminar*, escrita em 1893, onde os autores juntos escrevem sobre suas concepções a respeito da histeria e suas observações clínicas, a segunda parte se trata de relatos e análises de casos clínicos de ambos os autores, a terceira parte se trata das *Considerações teóricas*, escrita exclusivamente por Breuer onde ele expõe sua noção a respeito do entendimento da histeria, e por fim temos o capítulo *Psicoterapia da Histeria*, escrito exclusivamente por Freud, e é onde vemos o afastamento de Freud frente ao seu parceiro e o nascimento das ideias que fundam a psicanálise. O plano geral da obra é discutir sobre diversos casos clínicos de histeria, doença que teve grande ocorrência no final do séc. XIX e cuja causa era muito obscura, e o que podemos ver é que, a partir da experiência com esses doentes, nasce a concepção de resistência e repressão, que conseqüentemente levam Freud a supor a existência de um mental inconsciente e de diferentes sistemas e lugares psíquicos.

### 2.1 Estudos sobre histeria

Freud e Breuer relatam que os pacientes histéricos, quando questionados a respeito do início ou da causa dos seus sintomas, não sabiam responder ou não lembravam de quando esses tiveram início. Tendo em vista esse esquecimento, os doutores começaram a se utilizar

da hipnose para buscar a origem da doença. Ao utilizar a hipnose notaram que os sintomas histéricos, que incluíam os mais diversos sintomas como tremores, espasmos, cegueira, contraturas, paralisias, afasias, parestesias, convulsões, vômitos, tiques, alucinações, etc. sempre estavam ligados a uma lembrança que, embora o doente não conseguisse lembrar-se, continuava agindo no aparelho psíquico e causando os sintomas.

Não conseguimos determinar a causa da histeria pelo simples exame do doente. Muitas vezes eles não fazem ideia da conexão causal entre o evento desencadeador e o sintoma. É necessário hipnotizar o doente para que as lembranças do tempo em que o sintoma apareceu despertem, e conseguimos assim expor de modo mais nítido a conexão evento-sintoma.<sup>2</sup>

Na *Comunicação preliminar*, Freud e Breuer afirmam que essa lembrança que causa a histeria é geralmente uma lembrança de um evento traumático que ocorreu enquanto o paciente se encontrava em um estado hipnoide. Nesse estado hipnoide o sujeito se encontra como que num estado de auto-hipnose, há um rebaixamento da consciência, tal qual na hipnose, porém com uma diferença, os eventos ocorridos no estado hipnoide não são lembrados pelo pacientes, enquanto na hipnose induzida pelo médico o paciente se recorda de tudo. Tudo aquilo que ocorre no estado hipnoide é excluído do trânsito consciente das ideias.

O fundamento e condição da histeria é a existência de estados hipnoides [...] as ideias que neles [nos doentes em estados hipnoides] surgem são muito intensas, mas fechadas ao tráfego associativo com o resto do conteúdo da consciência.<sup>3</sup>

Aquilo que ocorre ao sujeito nesse estado é excluído da consciência, mas ainda assim carrega consigo sua carga afetiva. Esse afeto busca sempre um meio de descarga, e como o sujeito não está preparado para lidar com tal trauma, seu aparelho psíquico encontra na via somática uma alternativa para aliviar parte desse afeto, resultando nos mais diversos sintomas. Essa conversão do afeto do trauma em sintoma somático chama-se *conversão histérica*.

A partir da observação de que os pacientes, quando questionados sobre o início de seus sintomas, afirmavam não se lembrar ou não percebiam que seus sintomas estavam relacionados com algum evento traumático — isso se devia ao fato de a representação traumática ter sido afastada do curso das ideias conscientes, impedindo ao paciente de associar a causa do seu sintoma como sendo o evento traumático, como dito acima — se utilizava então da hipnose para fazer com que o doente relembresse do evento traumático e assim conseguisse chegar na causa da sua histeria. A hipnose com histéricos até então

---

<sup>2</sup>BREUER, Joseph; FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 302.

<sup>3</sup>*Ibidem*, p.31, grifos meus.

consistia em sugestionar ao paciente hipnotizado que seus sintomas haviam desaparecido, como fazia Charcot.<sup>4</sup> O método de Breuer, que foi chamado de método catártico, e do qual Freud se utilizou na clínica com histéricos, consistia em fazer o doente relembrar e reviver a lembrança do trauma de maneira intensa, e isso por si só faria o sintoma desaparecer, sem ser necessária aquela sugestão direta. Assim, os doutores relatam que quando o paciente trazia à consciência aquela lembrança do evento traumático junto de seu afeto, esse “trazer à consciência” levava à uma ab-reação e uma descarga do afeto represado, cessando assim os sintomas causados por ele. O objetivo do método, portanto, era fazer com que aquela lembrança original junto com seu afeto fosse revivida com certa intensidade, visto que, havendo a descarga do afeto, há o fim dos sintomas, “numa inversão da sentença ‘cessante causa cessat effectus’”.<sup>5</sup>

Essa teoria afirmava que o sintoma histérico surge quando o afeto de um processo psíquico bastante investido afetivamente é afastado da elaboração consciente normal e, assim, encaminhado por uma via errada. Então ele se converte, no caso da histeria, em inusual inervação somática (conversão), mas, com a reanimação da vivência durante a hipnose, pode ser guiado para outra direção e “despachado” (ab-reação). Os autores chamaram seu procedimento de “catarse” (purificação, liberação do afeto sufocado).<sup>6</sup>

Apesar de utilizar-se do método de Breuer, Freud se mostra insatisfeito com os resultados da aplicação do método catártico, visto que muitos pacientes não eram suscetíveis à hipnose e em diversos casos havia remissão dos sintomas. Eis o que ele afirma no capítulo *A Psicoterapia da histeria*:

Em minhas tentativas de empregar o método Breuer em escala mais abrangente, esbarrei na dificuldade de que certo número de doentes não podia ser hipnotizado, embora o diagnóstico fosse de histeria e indicasse a vigência provável do mecanismo psíquico por nós descrito.<sup>7</sup>

Ao se deparar com esses casos em que o paciente recusava a hipnose e não se deixava hipnotizar, Freud precisava encontrar uma maneira diferente de acessar aquelas lembranças que foram a causa inicial dos sintomas histéricos e da qual o paciente não se recordava. Assim, em busca de métodos alternativos, Freud pedia para que o paciente se deitasse com os olhos fechados e se concentrasse, e fosse falando o que viesse à sua mente. Ele percebeu que, mesmo sem a hipnose, era possível acessar certas lembranças que, por fim, tinham ligação com os sintomas histéricos. A partir disso, Freud também notou que, para acessar tais

<sup>4</sup> Jean-Martin Charcot foi um dos pioneiros na utilização clínica da hipnose, e Freud foi seu aluno no ano de 1885, onde teve seu primeiro contato com a hipnose, que o levou a se juntar com Breuer para estudar essa técnica.

<sup>5</sup> BREUER E FREUD, 1895/2016, p.25.

<sup>6</sup> FREUD, Sigmund, *Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2011, p.228.

<sup>7</sup> BREUER E FREUD, 1895/2016, p.376.

lembranças, era necessário um enorme esforço, o que o levou a supor a existência de uma força psíquica no próprio paciente que se opunha a trazer à tona a ideia patogênica. Essa força era sentida na clínica como uma resistência.<sup>8</sup>

Na tentativa de compreender a natureza dessa força psíquica, Freud constatou que boa parte das ideias impedidas de consciência por essa resistência eram ideias de natureza penosa, embaraçosa, e que causariam, caso chegassem à consciência, dor psíquica. Essa força que causa a resistência Freud denomina de repressão, que seria, portanto, uma força de defesa do Eu, que se defende de ideias que podem lhe causar danos. Sendo assim, da ideia de resistência deriva a noção de repressão, processo psíquico que impede certas ideias de chegarem à consciência, e a resistência não passa de uma manifestação de algo que está sendo reprimido. Nos histéricos a repressão seria responsável pelos sintomas, pois, embora a repressão impeça a lembrança de chegar à consciência, essa ainda precisa descarregar seu afeto, que, por sua vez, não sofre resistência, e descarrega sua energia através de sintomas somáticos, no que chamamos de conversão histérica.

Aproximou-se do Eu do paciente uma ideia que se revelou intolerável, que despertou, da parte do Eu, uma força de repulsão cujo propósito era a defesa contra essa ideia intolerável.<sup>9</sup>

Percebendo que a hipnose não se fazia necessária para acessar certas lembranças reprimidas, temos o nascimento de um novo método, o chamado método de associação livre. Na descrição do caso da Sra. Emmy Von, que sofria de histeria, Freud nos conta que nas suas consultas, apesar de tentar utilizar o método catártico, a paciente conseguia trazer de volta as lembranças apenas falando livremente e que a catarse ocorria durante a própria fala, sem a necessidade de hipnose. Em um dado momento a paciente até chega a pedir para que Freud pare de interrompê-la e a deixe falar. No *Resumo sobre psicanálise* Freud é muito claro a respeito dos motivos que o levaram a abandonar a hipnose:

Fez isso por dois motivos: primeiro, porque não eram muitos os pacientes que conseguia pôr em hipnose, embora tivesse feito um curso com Bernheim em Nancy; segundo, porque estava insatisfeito com os resultados terapêuticos da catarse baseada na hipnose. Esses resultados eram patentes e surgiam após um breve período de tratamento, mas revelavam-se pouco duradouros e muito dependentes da relação pessoal do paciente com o médico.<sup>10</sup>

Apesar de serem grandes parceiros, Freud e Breuer não concordam em tudo. No capítulo final dessa obra Freud faz suas considerações a respeito daquilo que foi escrito na *Comunicação Preliminar*, escrito dois anos antes, em 1893. Nesse texto, Freud afirma que a

<sup>8</sup> BREUER E FREUD, 1895/2016, p.377.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 378.

<sup>10</sup> FREUD, 1924/2011, p.229



histeria é fruto de um mecanismo de defesa do Eu, que se defende, através da repressão, de representações ameaçadoras, e não como se havia suposto, de que a causa da histeria era uma lembrança traumática de um evento ocorrido durante um estado hipnoide.<sup>11</sup> Outra divergência também se dá na hipnose que, como vimos, Freud não abandona completamente e nem nega o seu poder de cura, mas sua conclusão é que o método catártico não é universal e a hipnose não é necessária.

Até o início dos anos 1890, Freud tentara extrair à maneira de Breuer, através da hipnose, as lembranças significativas que os pacientes relutavam em apresentar. As cenas assim trazidas à mente tinham, frequentemente, um efeito catártico. Mas alguns pacientes não eram hipnotizáveis, e a fala sem censuras pareceu a Freud um meio de investigação muito superior. Ao abandonar gradualmente a hipnose, Freud não estava simplesmente fazendo da necessidade virtude; essa mudança, pelo contrário, levou à importantíssima adoção de um novo modo de tratamento. Formava-se a técnica da associação livre.<sup>12</sup>

Podemos dizer, portanto, que nos *Estudos sobre a Histeria* está a semente da psicanálise, encontramos o início da formulação do método de associação livre, que será a base de toda a prática psicanalítica, e também o conceito mais importante da psicanálise: o conceito de inconsciente. Essa primeira noção de inconsciente apresentada nos *Estudos* é derivada do conceito de repressão, pois o inconsciente não passa de um reservatório de representações e afetos que foram reprimidos. A noção de inconsciente é central para toda a obra de Freud, e principalmente para a noção topológica da psique. A repressão entendida como uma força que impede que representações cheguem à consciência implica a existência de um outro local em que se localizam tais representações, e também a noção de um aparelho psíquico dinâmico, i.e., a ideia de que existem certas forças psíquicas que estão em tensão na psique (como a força da repressão agindo sobre as representações inconscientes que buscam expressão consciente) — esse duelo de forças que caracteriza nossa psique como dinâmica. A noção dinâmica, porém, pressupõe uma noção topológica da psique, i.e., uma psique dividida em certos locais psíquicos nos quais o conteúdo mental se movimenta. A noção topológica é apresentada mais detalhadamente pela primeira vez em *A Interpretação dos sonhos*, onde Freud expõe sua teoria a respeito do funcionamento do aparelho psíquico e introduz o que chamamos de primeira topologia.

<sup>11</sup> Nos *Estudos sobre histeria*, principalmente o caso de Anna O., levam Freud a supor que a causa da histeria não é um trauma qualquer, mas sim um trauma sexual, que tem relação com aspectos sexuais da vida do doente — esse era, inclusive, um ponto de discussão entre Freud e Breuer. O tema não será explorado neste trabalho, mas é aprofundado por Freud no capítulo IV dos *Estudos* e no caso clínico de Anna O.

<sup>12</sup> GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2012, p.87.

### 3. nA INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

O Capítulo VII de *A Interpretação dos sonhos* tem um caráter particular que o diferencia do restante da obra. Nessa obra, até então, o tema dos sonhos havia sido central, Freud se concentra em esclarecer diversos pontos sobre sua teoria dos sonhos, mas percebe que “a partir do momento em que buscamos nos aprofundar nos processos psíquicos envolvidos no sonhar, todas as trilhas conduzem à escuridão”.<sup>13</sup> O conhecimento psicológico sobre o sonho até então era praticamente inexistente e insuficiente. Tentar explicar algo, para Freud, significa remeter ao que já se conhece, e não se conhece quase nada sobre a psicologia dos processos oníricos, fazendo-se necessário o levantamento de várias hipóteses a respeito do funcionamento psíquico. Os sonhos por si só não nos dão material suficiente para compreendermos todo funcionamento do aparelho psíquico, sendo necessárias algumas referências a outras áreas como a psicologia das neuroses para esclarecer alguns pontos. A rigor, as suposições feitas no capítulo VII desta obra só serão devidamente concluídas nos ensaios metapsicológicos de 1915.

Para os fins deste trabalho, examinar toda a obra dos sonhos seria um trabalho exaustivo e pouco recompensador. Nos limitaremos, portanto, apenas ao Capítulo VII, mais especificamente ao subcapítulo B, denominado *A Regressão*, onde Freud apresenta o esquema do aparelho psíquico e introduz a primeira topologia.

#### 3.1 A Regressão

Nosso interesse nesse capítulo recai sobre as suposições que Freud faz a respeito do aparelho psíquico e seu funcionamento, junto das justificativas que ele apresenta para tais hipóteses.

Nessa abordagem mais metapsicológica, afastada do resto da obra, Freud não vai se importar, de início, com os sonhos, e suas suposições vão se basear em pura especulação.

Seremos obrigados a levantar uma série de novas hipóteses que dizem respeito, de modo tentativo, à estrutura do aparelho psíquico e às forças que nele agem, e precisaremos ter cuidado para não ir muito além das primeiras implicações lógicas, ou seu valor se perderá no indeterminável [...] Não poderemos alcançar ou pelo menos fundamentar nenhum esclarecimento sobre a estrutura e o modo de trabalho do instrumento psíquico mediante a investigação, por mais cuidadosa que seja, do sonho ou de alguma outra produção isolada; para essa finalidade será preciso reunir aquilo que se revelar como constante e necessário no estudo comparativo de toda uma série de produções psíquicas. Assim, as hipóteses psicológicas que extraímos da análise dos processos oníricos precisarão como que aguardar numa parada, até

---

<sup>13</sup> FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 4: a Interpretação dos sonhos (1900)*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 560

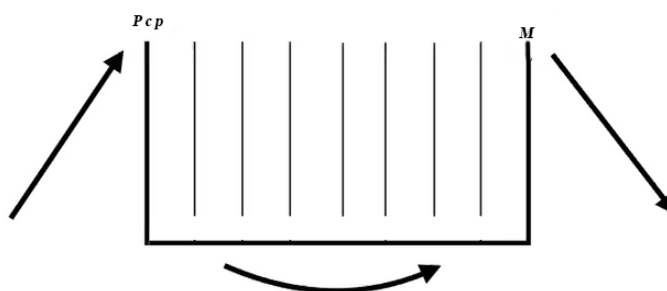
acharem a conexão com os resultados de outras investigações que pretendem chegar ao núcleo do mesmo problema a partir de outro ponto de abordagem.<sup>14</sup>

O aparelho psíquico, diz Freud, é um instrumento composto por sistemas e que tem um sentido, uma direção, que tem início na extremidade sensória e seu fim na extremidade motora. Esses sistemas, por sua vez, devem manter uma ordem fixa, constante, de modo que haja um fluxo orientado num certo sentido. O mais importante aqui não é a disposição espacial desses sistemas, mas sim a posição relativa que cada um mantém com os demais.<sup>15</sup>

Freud defende que existem lugares psíquicos, que nada tem a ver com lugares anatômicos, lugares no cérebro ou qualquer outra coisa. Para esclarecer essa noção, Freud faz uma analogia com um telescópio, e assim como neste instrumento existem localidades ideais onde a imagem se forma, aquele local entre as duas lentes, onde não há nada de concreto, é um local intermediário, ideal e metafórico em que ocorre a formação da imagem vinda da primeira lente, também é isso que Freud quer dizer com localidades psíquicas, locais não físicos que não possuem realidade ontológica<sup>16</sup>. “Os sistemas psíquicos corresponderiam mais aos pontos virtuais do aparelho situados entre duas lentes do que às suas peças materiais.”<sup>17</sup>

O que realmente importa, num primeiro momento, é estabelecer que esse aparelho psíquico tem uma direção, que parte da percepção e termina na motilidade. Na sua obra, Freud apresenta um esquema preliminar do aparelho psíquico:

Figura 1 - Primeiro Esquema do aparelho psíquico<sup>18</sup>



Todavia, esse esquema não é suficiente para os fins pretendidos. Nossas percepções deixam traços de memória, traços mnêmicos, que Freud considera como alterações duradouras nos elementos dos sistemas<sup>19</sup>. A percepção, por sua vez, precisa ser permeável e estar sempre aberta a novos estímulos, portanto, não pode ser também o sistema perceptivo o

<sup>14</sup> FREUD, 1900/2019, p. 560

<sup>15</sup> GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, p.78

<sup>16</sup> *Ibidem*.

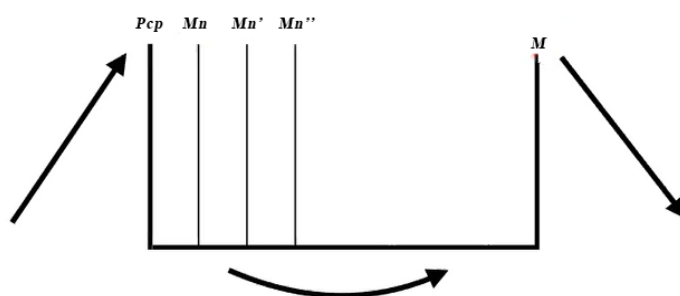
<sup>17</sup> LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 507

<sup>18</sup> Reconstruído a partir de FREUD, 1900/2019, p. 588

<sup>19</sup> FREUD, 1900/2019, p. 588

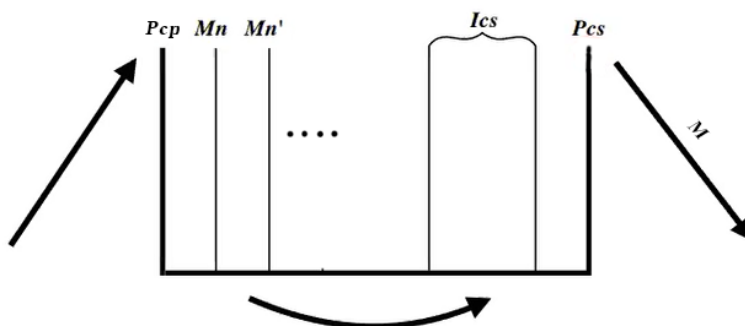
responsável por conservar essas alterações que ocorrem. Sendo assim, faz-se necessária uma distinção na extremidade sensoria e a suposição de que há um sistema responsável pela fixação dessas alterações, que transforma estímulos perceptivos em traços permanentes, um sistema responsável pela memória. Dessa forma, no segundo esquema do aparelho psíquico temos a adição dos sistemas mnemônicos:

Figura 2 - Segundo Esquema do aparelho psíquico<sup>20</sup>



Mas tampouco esse esquema está completo. Durante suas elaborações a respeito da formação do sonho, Freud notou que, para que possamos esclarecer como ocorre o sonho, é necessário supor a existência de duas instâncias psíquicas: uma crítica e uma criticada. A deformação do sonho se deve justamente à censura que existe na passagem de uma instância à outra. A essas instâncias Freud vai chamar de Ics (inconsciente) e Pcs (pré-consciente), que são na verdade sistemas dentro do aparelho psíquico. O primeiro sistema seria aquele que contém a força motriz do sonho, que é o desejo, e se encontra atrás do segundo, que é mais próximo da consciência e está na extremidade motora, agindo como uma “tela protetora” entre o Ics e a consciência, e é quem tem as chaves para o acesso à descarga motora e atividades conscientes<sup>21</sup>. O Esquema final, com estes dois sistemas, fica assim:

Figura 3 - Terceiro Esquema do aparelho psíquico<sup>22</sup>



<sup>20</sup> Reconstruído a partir de: FREUD, 1900/2019, p. 589

<sup>21</sup> FREUD, 1900/2019, p. 591

<sup>22</sup> Reconstruído a partir de: FREUD, 1900/2019, p. 591

A formação do sonho, dessa forma, se iniciaria de uma força inconsciente que é o desejo, o qual se liga a pensamentos oníricos do Pcs. O impulso Ics busca seguir seu curso normal, progressivo, até o Pcs, onde esbarra na censura, e se liga aos pensamentos pré-conscientes na tentativa de alcançar seu objetivo, a descarga, e esquivar da censura. Porém, durante o dia, excetuando-se os estados de alucinação, nós não sonhamos, isso acontece apenas durante o sono. Isso ocorre pois os pensamentos inconscientes durante a vigília são barrados pela censura; durante o sono a censura é diminuída, possibilitando aos impulsos inconscientes passarem a fronteira do Pcs e atingir a consciência. Mas se isso está realmente correto, se durante a noite a censura diminui, possibilitando a passagem dos pensamentos Ics para o Cs, nossos sonhos não teriam o caráter alucinatório que apresentam, mas seriam da mesma forma que nossas representações, se apresentariam a consciência como pensamentos conscientes, e não como representações visuais no presente.

A resposta de Freud a isso vai se dar com o conceito de regressão. Ele afirma que, na verdade, o sonho não avança até o Pcs-Cs, mas sim regride até o sistema Pcp. O caráter alucinatório dos sonhos, portanto, se deve ao fato de que a excitação, durante o sono, toma um caminho reverso (considerando que o caminho progressivo se dá do Pcp ao Pcs) e, portanto, retorna à extremidade sensorial e atinge o sistema Pcp, fazendo com que as representações se transformem novamente em imagem sensorial. Esse conceito é puramente descritivo, ele não explica nada, apenas une a noção que já conhecíamos, de que no sonho o pensamento onírico é transformado em representação visual, com o esquema do aparelho psíquico e sua direção.<sup>23</sup> Mas qual seria o motivo dessa excitação tomar o caminho contrário durante o sonho?

Freud dirá que isso acontece, provavelmente, por três motivos. O primeiro e o segundo são semelhantes, ambos envolvem um certo tipo de censura; pode ser o caso que, durante a noite, aquela corrente contínua que ia do Pcp à descarga motora se encontre encerrada, sua entrada é barrada, e, portanto, retorna ao Pcp, ou a própria censura do Pcs barra o pensamento, o que o leva a retornar no aparelho. A terceira é que, durante o trabalho do sonho ocorre o deslocamento e a condensação, i.e., a intensidade de uma representação é totalmente transferida à outra. Esses dois processos podem possibilitar que o investimento tome um caminho inverso. Assim, o impulso que busca chegar à extremidade motora tem seu caminho barrado, e toma, portanto, o caminho reverso, através do deslocamento de energia psíquica, regredindo no aparelho psíquico e retornando ao seu sistema de origem. Dessa forma, o sonho se dá como uma experiência sensorial no presente consciente, e por isso enquanto sonhamos não temos dúvida sobre a realidade do que acontece, para nossa psique o sonho acontece

---

<sup>23</sup> FREUD, 1900/2019, p. 594

como se fosse a realidade que acontece aqui e agora, tal qual uma percepção. O caráter confuso e desconexo que têm nossos sonhos também pode ser explicado pela regressão. O sonho, como foi apresentado, é fruto de um processo regressivo, ele vai da extremidade motora até a extremidade sensível e atinge o sistema Pcp. Nessa passagem entre sistemas, ela passa do Pcs ao Ics, e as relações lógicas do sistema Pcs não tem validade no sistema Ics. Para Freud, as relações que regem os processos conscientes (princípio de realidade, ordenação temporal, etc.) estão no Pcs e não nos primeiros sistemas. Sendo assim, na regressão, a estrutura do pensamento onírico é reduzida a sua matéria-prima.<sup>24</sup>

Dessa forma, conclui-se que o que levaria a excitação a retornar ao Pcp seria o fim da corrente ao sistema Pcs aliado aos processos de condensação e deslocamento. Mas Freud apresenta mais uma hipótese, a de que o sonho, visto como fruto de um processo regressivo, na verdade se deve à “atração exercida pelas marcas mnêmicas das experiências infantis que lutariam por encontrar uma expressão atual na consciência”<sup>25</sup>.

[...] não podemos descartar a probabilidade de que também nos sonhos a transformação de pensamentos em imagens visuais seja, em parte, consequência da atração que a lembrança representada visualmente, que busca ser reavivada, exerce sobre o pensamento excluído da consciência que pejeja por ser expressão. [...] o sonho poderia ser descrito também como o substituto de uma cena infantil modificada pela transferência para algo recente.<sup>26</sup>

É válido mencionar que a regressão ocorre também em outros casos, não apenas nos sonhos:

[...] mas não devemos esquecer que ela não se dá apenas quando sonhamos. Também a recordação deliberada e outros processos constituintes de nosso pensamento normal correspondem a um movimento regressivo, no aparelho psíquico, de algum ato complexo de representação para a matéria-prima dos traços mnêmicos a ele subjacentes. No estado de vigília, porém, esse movimento para trás nunca vai além das imagens mnêmicas; não consegue produzir o reavivamento alucinatório das imagens perceptuais.<sup>27</sup>

A regressão, portanto, é o nome que se dá à peculiar característica de, nos sonhos, o conteúdo do pensamento onírico ser transformado em imagens sensoriais. Ela ocorre devido à resistência que há por parte da censura Pcs ou pela impossibilidade de descarga, e pela atração que as lembranças exercem sobre o pensamento, lembrança essa que, estando inconsciente, busca expressão consciente, e atrai o pensamento na esperança de ser vivida novamente. A regressão surge para dar conta de explicar o sonho, e como pode-se notar, pressupõe uma noção topológica do aparelho psíquico, que por sua vez se encontra vinculada à noção

---

<sup>24</sup> ROZA, 1985, p.81-2

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 82

<sup>26</sup> FREUD, 1900/2019, p. 597

<sup>27</sup>*Ibidem*, p. 593

dinâmica da psique: é necessária a divisão do aparelho psíquico em diferentes sistemas, lugares psíquicos, e a suposição de que há um jogo de forças que opere no aparelho (noção que se fundamenta na noção de repressão e resistência), para que seja possível explicar como o sonho ocorre.

Sendo assim, aquela noção topológica muito primitiva que encontramos nos *Estudos sobre histeria*, de um lugar psíquico inconsciente derivado da noção de repressão, ganha mais expressão e sentido nesse texto. O aparelho psíquico aqui é dividido em diferentes sistemas, dispostos em uma certa ordem, com um certo sentido, e cada um com sua função. O leitor pode se sentir inclinado a ver tais sistemas como correspondentes a certas regiões do cérebro, mas Freud é claro ao dizer que não se trata disso, e o esquema aqui apresentado trata apenas de lugares psíquicos, e não de localidades físicas ou cerebrais. Apesar disso, o esquema do aparelho psíquico apresentado é muito próximo do esquema do arco reflexo, utilizado pelas ciências da época, onde a “entrada” é o sistema perceptivo, e a “saída” no sistema motor.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B., 2001, p. 507.

#### 4. A PRIMEIRA TOPOLOGIA NO ARTIGO O INCONSCIENTE

No ano de 1915, Freud se dedicou a escrever uma série de doze artigos a respeito da sua metapsicologia, a fim de explicar de maneira mais clara as suas hipóteses feitas até aqui. Apenas cinco desses artigos chegaram a ser publicados, e é no artigo denominado *O Inconsciente* que Freud vai se deter a dar os fundamentos da sua noção de inconsciente, e conseqüentemente irá tratar daquilo que mais nos importa neste trabalho, o ponto de vista topológico-sistemático da psique, dado que “o inconsciente freudiano é indissolúvelmente uma noção tópica e dinâmica, que brotou da experiência do tratamento.”<sup>29</sup>

Em um primeiro momento, Freud se detém a dar argumentos favoráveis a sua suposição de um mental inconsciente, utilizando-se não apenas de argumentos derivados de sua prática clínica com doentes, mas também argumentos derivados de fenômenos observáveis na nossa vida cotidiana. Tendo em vista que nesse artigo Freud vai tratar da sua noção de inconsciente, e que tal noção necessita de uma divisão topológica da psique, Freud descreverá aqui todo o funcionamento, características e relações que há entre os sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente, deixando assim mais claro o que ele entende por sistemas psíquicos e no que ele sustenta essa visão. Não apenas isso, Freud também tratará de explicar como as ideias transitam de um sistema ao outro, como se dá o funcionamento da repressão, e esclarece algumas suposições feitas em *A Interpretação dos sonhos*.

##### 4.1 Justificação do Inconsciente

Na primeira seção do artigo *O Inconsciente*, intitulada *Justificação do Inconsciente*, Freud busca demonstrar que a hipótese de um inconsciente psíquico é “necessária e legítima”, rejeitando a equivalência entre o psíquico e a consciência.

Freud apresenta ao menos dois argumentos em favor da necessidade de supor-se a existência de um inconsciente psíquico. O primeiro argumento que gostaria de destacar é o que podemos chamar de “argumento das lacunas”. Esse argumento se baseia no que Freud chama de lacunas da nossa consciência. Esses fenômenos lacunares podem ser percebidos na nossa experiência diária, “nossa experiência cotidiana mais pessoal nos familiariza com pensamentos espontâneos cuja origem não conhecemos, e com resultados intelectuais cuja elaboração permanece oculta para nós.”<sup>30</sup> Essas lacunas não ocorrem apenas em doentes, mas também em pessoas sadias, é uma característica comum à nossa consciência que a série de atos conscientes que temos apresentem certas lacunas.

---

<sup>29</sup> LAPLANCHE, 2001, p. 236

<sup>30</sup> FREUD, 1915/2010, p. 101



Schopenhauer já nos fala, em *O Mundo como vontade e como Representação*, que o nosso pensamento “não é tão simples na realidade quanto o é a sua teoria”. O autor compara a nossa consciência à um espelho d'água. Na superfície desse espelho estariam os nossos pensamentos conscientes, mas a massa d'água que se encontra abaixo da superfície é onde ocorre o processo de pensamento, e apenas uma pequena parte destes emerge à consciência na forma de pensamentos. Tudo aquilo que experienciamos no nosso cotidiano não permanece na superfície da consciência, mas sim longe dela, no fundo da nossa psique estes conteúdos são elaborados e processados, tão inconscientes quanto os processos naturais do corpo.

Raramente todo o nosso processo de pensamento e decisão reside na superfície, isto é, consiste numa cadeia de juízos distintamente pensados; embora nos esforcemos por isto para poder prestar contas a nós mesmos e aos outros: de costume, entretanto, é na obscura profundidade que ocorre a ruminação do estofado recebido de fora e através da qual este é convertido em pensamento; essa ruminação transcorre de modo quase tão inconsciente quanto a transformação do alimento nos sucos e nas substâncias do corpo. Eis por que quase sempre não podemos prestar contas da origem dos nossos mais profundos pensamentos: são o rebento do nosso mais misterioso interior.<sup>31</sup>

Em outras palavras, na obra de Schopenhauer já encontramos uma ideia muito semelhante a que Freud aqui apresenta, a de que existem certos processos pelos quais passam os nossos pensamentos antes de se transformarem naquilo que chega à nossa consciência, e que tais processos não são conscientes, mas se dão fora da consciência, de maneira inconsciente. Vale ressaltar que Freud não defende que o inconsciente seja apenas algo que está abaixo da consciência — para preservar a comparação, como algo que está abaixo da superfície do espelho d'água que é nossa consciência. O ponto central da teoria freudiana é que o inconsciente se trata de um outro sistema psíquico que se contrapõe ao sistema consciente.

Se fossemos assumir uma equivalência entre psíquico e consciente, seríamos impedidos de explicar a existência de lacunas no curso da consciência, e conseqüentemente de dar sentido e coerência a esse curso. Em outros termos, não disporíamos dos meios para explicar adequadamente a unidade da consciência. Tomar o mental e o consciente como equivalentes nos impede de explicar tais fenômenos, além de vários outros atos psíquicos; sem supor um psíquico inconsciente teríamos um custo de sentido e coerência e a unidade dos pensamentos conscientes se mostraria desconexa e incompreensível. Portanto, o melhor a se fazer é admitir a existência de um inconsciente, visto que é a melhor explicação para dar conta das lacunas da consciência.

---

<sup>31</sup>SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, Tomo II. 1ª edição. São Paulo: Unesp, 2015, p. 164

Todos esses atos conscientes permanecem desconexos e incompreensíveis se insistimos na pretensão de que através da consciência experimentamos tudo o que nos sucede em matéria de atos psíquicos, mas se inscrevem numa coerência demonstrável se neles interpolamos os atos inconscientes inferidos.<sup>32</sup>

O argumento das lacunas é uma inferência à melhor explicação, que também pode ser chamada de argumento por abdução. Os argumentos por abdução se encaixam dentro do grupo das inferências não necessárias, onde as premissas não implicam necessariamente a conclusão, mas que, baseando-se na premissa, a conclusão se mostra como sendo a melhor explicação para um dado fenômeno.<sup>33</sup> No caso do argumento das lacunas, daqueles fenômenos lacunares que percebemos no fluxo de nossos pensamentos, podemos inferir a existência de um estado mental inconsciente, pois ele se mostra como a melhor explicação que podemos dar para tais lacunas, visto que, tomando esse argumento como verdadeiro, damos coesão à unidade dos pensamentos conscientes. Pode ser que este não seja o caso e esse argumento se descubra falso em algum momento, mas o ponto é que a existência de um inconsciente não é a única explicação possível para os fenômenos lacunares da consciência, mas sim a melhor explicação que temos até então.

Outro argumento que gostaria de chamar atenção é o que podemos chamar de “argumento dos estados latentes”. Sabemos que nossa consciência presente não abrange todas as crenças, todos os conhecimentos, etc., que devem poder ser atribuídos a nós — nesse mesmo momento presente. Temos conhecimentos, por exemplo, que podem vir à consciência em determinadas situações, mas que é lícito afirmar que já possuíamos antes. Quando vou resolver uma equação de segundo grau, trago à consciência a fórmula de bhaskara. Eu já a conhecia antes de torná-la objeto de minha consciência presente? Se sim, onde estava ela? Freud afirma que “a maior parte do que denominamos conhecimento consciente deve, de qualquer maneira, achar-se em estado de latência por longos períodos de tempo, ou seja, em um estado de inconsciência psíquica.”<sup>34</sup> Não apenas nossos conhecimentos, mas a nossa memória é, por excelência, o que melhor caracteriza os estados mentais latentes; sendo assim, “contradizer o inconsciente seria, em vista de todas as nossas lembranças latentes, algo inteiramente inconcebível.”<sup>35</sup>

A isso podem objetar que esses estados latentes não passam de restos de processos somáticos e, portanto, não podem ser considerados processos psíquicos. Em resposta a tal objeção, Freud se detém a analisar o que sabemos a respeito desses atos e se eles podem ou

---

<sup>32</sup> FREUD, 1915/2010, p. 101-2

<sup>33</sup> DOUVEN, 2021.

<sup>34</sup> FREUD, 1915/2010, p. 102

<sup>35</sup> *Ibidem*

não serem considerados atos psíquicos. O que sabemos quanto às qualidades físicas desses estados latentes é zero, a fisiologia/neurociência até então nada nos fornecia sobre eles. Quanto ao seu aspecto psíquico, sabemos que esses atos mantêm contato muito próximo com a consciência, podendo até mesmo se tornar conscientes, e que podem ser descritos nas mesmas qualidades que os processos conscientes. A diferença entre estados latentes e conscientes muitas vezes se dá apenas no fato de os últimos, mas não os primeiros, serem objetos de consciência. Dessa forma, dada a semelhança entre esses dois estados mentais, Freud conclui que não há motivos para hesitar em tomar os atos latentes como objeto da investigação psicológica.<sup>36</sup>

Ainda sobre a objeção ao caráter psíquico dos estados latentes, Freud dirá que essa objeção se baseia naquela ideia que equipara o mental ao consciente, que por sua vez ou é uma petição de princípio ou é uma convenção. Sendo do primeiro tipo não temos o que discutir; já no segundo caso podemos analisar se tal convenção é ou não adequada. Freud defende que tal convenção é inadequada, e apresenta quatro razões para tal:

Podemos responder que a identificação convencional entre o psíquico e o consciente é totalmente inadequada. Ela [1] rompe as continuidades psíquicas, [2] nos precipita nas insolúveis dificuldades do paralelismo psicofísico, [3] fica aberta à crítica de superestimar sem fundamentação razoável o papel da consciência, e [4] nos obriga a deixar o âmbito da pesquisa psicológica, sem nos trazer compensação de outros campos.<sup>37</sup>

A primeira razão é que tal convenção [1] rompe as continuidades psíquicas. Esse ponto tem como base o “argumento das lacunas” e, como foi visto, com uma equiparação entre o mental e o consciente não conseguimos dar conta de explicar como se dá o fluxo dos nossos pensamentos e, portanto, as lacunas que existem entre os elos da cadeia associativa dos nossos pensamentos permanecem sem explicação. Se tudo que ocorre na mente deve ser consciente, os elos que associam a cadeia de pensamentos deveriam ser conscientes para nós, mas nossa experiência diária nos mostra que isso não acontece; muitas vezes somos invadidos por pensamentos cuja origem e elaboração desconhecemos. Com a suposição de um estado mental inconsciente afirmamos que o psiquismo continua fora da consciência (ou seja, em um inconsciente) e por isso temos lacunas, que nada mais são do que processos psíquicos que se dão de maneira inconsciente.

A segunda razão é que nós caímos em um [2] paralelismo psicofísico, ou seja, que para toda modificação da consciência corresponderia uma modificação no sistema nervoso, e que os estados mentais latentes, por exemplo, não seriam psíquicos, mas sim físicos. Como

---

<sup>36</sup> FREUD, 1915/2010, p. 104

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 103, numeração interpolada por mim.

vimos acima, nada sabemos sobre a fisicalidade dos estados mentais, mas sabemos que eles tem algo de psíquico, visto que são muito próximos dos atos psíquicos conscientes, compartilhando praticamente das mesmas qualidades. Se os atos conscientes são considerados psíquicos, e os atos latentes compartilham de boa parte das qualidades desses atos conscientes, temos justificativa para afirmar que estados mentais latentes são psíquicos.

A terceira razão que Freud apresenta para provar que a convenção apresentada é inadequada é que ela [3] superestima, sem justificativa, o papel da consciência. Os argumentos até aqui apresentados mostram que não há razão suficiente para se comprometer com a ideia de que o psíquico e o consciente são equivalentes, e nos comprometer com isso nos levaria ainda a uma quarta razão, de que [4] estaríamos limitando, sem ganho nenhum, o campo da pesquisa psicológica, que não conseguiria explicar uma série de fenômenos, como os sintomas histéricos, atos falhos e sonhos, e ainda subsumiria essa ciência ao campo da neurologia e aos fenômenos que têm expressão consciente.

A grande rejeição que se dá ao reconhecer estados mentais latentes como sendo estados psíquicos se deve ao fato de “a maioria dos fenômenos considerados não haver se tornado objeto de estudo fora da psicanálise”.<sup>38</sup> Freud baseia seus argumentos principalmente em quatro fenômenos psíquicos: atos falhos, sonhos, sintomas neuróticos (histéricos) e o que denominamos de lacunas da consciência. Os atos falhos eram vistos pela psicologia como lapsos sem sentido causados por desatenção ou cansaço, os sonhos como algo místico, que não cabia a ciência, o material patológico era desconsiderado e portanto era necessário “apenas negligenciar mais alguns enigmas da psicologia da consciência para se poupar da hipótese de uma atividade anímica inconsciente”.<sup>39</sup>

Freud apresenta ainda um argumento condicional, de que caso consigamos construir, partindo da suposição do inconsciente, uma prática que nos permita influir nos pensamentos e processos conscientes, teremos assim uma indiscutível prova de que existe um estado mental inconsciente e que aquela equiparação entre consciente e mental é inaceitável.

Se pudermos edificar, sobre a hipótese do inconsciente, uma prática bem-sucedida, mediante a qual influímos no curso dos processos conscientes, teremos neste sucesso uma prova indiscutível da existência daquilo suposto. Então será preciso adotar o ponto de vista de que é uma pretensão insustentável exigir que tudo o que sucede na psique teria de se tornar conhecido também para a consciência<sup>40</sup>

Além do mais, a sugestão pós-hipnótica já nos apresenta uma prova suficiente da existência do inconsciente. Ela consiste em fazer uma sugestão ao paciente, em estado

---

<sup>38</sup>FREUD, 1915/2010, p. 104

<sup>39</sup>*Ibidem*

<sup>40</sup>*Ibidem*, p.102

hipnótico, para que ele, por exemplo, após acordar desse estado, espere cinco minutos e fale a palavra “cadeira”. O paciente, caso perguntado o porque falou “cadeira”, não saberá responder. A sugestão feita pelo médico ao paciente, portanto, ficou inconsciente, e mesmo assim causou efeitos conscientes.

Tendo comprovado a necessidade de supor um inconsciente, Freud vai dizer que essa hipótese também é legítima, pois não nos afastamos da nossa maneira habitual de pensar que é tido como correta. Sabemos que a nossa consciência nos fornece conhecimento apenas a respeito de nossos próprios estados mentais. Nós naturalmente inferimos, por analogia aos atos e manifestações que percebemos nos outros, que eles também são dotados de consciência. Em outras palavras, atribuímos aos outros a nossa mesma constituição e consciência. Essa identificação é o único modo que temos para compreender o comportamento alheio, pois é o único que conhecemos. Pois bem, supor um inconsciente não nos afasta desta maneira habitual de pensar, pois o que a psicanálise nos pede para fazer é apenas que essa inferência que fazemos aos outros se volte para nós mesmos:

Assim fazendo, será preciso dizer que todos os atos e manifestações que em mim percebo, e que não sei ligar ao restante de minha vida psíquica, têm de ser julgados como se pertencessem a uma outra pessoa, e devem achar esclarecimento por uma vida anímica que se atribua a esta pessoa <sup>41</sup>

Prosseguindo seu argumento, o autor afirma que essa inferência aplicada à própria pessoa não nos leva à descoberta de um inconsciente mas sim de uma segunda consciência unida àquela que nos é conhecida.<sup>42</sup> É claro que o objetivo de Freud não era chegar a esse resultado, ele se utiliza dessa conclusão apenas como elemento heurístico para provar seu argumento. Podemos dizer que Freud apresenta aqui um silogismo disjuntivo, onde caso a hipótese de uma segunda consciência se apresente como falsa, necessariamente precisamos aceitar a hipótese de um inconsciente, e é isso que acontece. À noção de uma segunda consciência encontramos três objeções. Em primeiro lugar, aqueles que negaram a existência de um estado mental inconsciente não vão aceitar uma consciência inconsciente. Em segundo lugar, na prática psicanalítica os processos mentais latentes que inferimos são altamente independentes, parecem não ter ligação alguma com os demais, o que resultaria em não apenas supor uma segunda consciência, mas diversos estados de consciência do qual não conhecemos nenhum. Em terceiro lugar, também na análise percebemos que esses processos latentes são dotados de características contraditórias às características da consciência.

---

<sup>41</sup> FREUD, 1915/2010, p.105-106

<sup>42</sup> Para uma discussão mais detalhada a respeito do inconsciente como uma “segunda mente” ou “segunda consciência” ver: LEAR, Jonathan. *A second mind*. In: LEAR, Jonathan. **Freud**. 2ª ed. Londres: Routledge, 2015, p. 30-4.

Portanto, tendo em vista principalmente o fato que os processos latentes resultantes da inferência têm qualidades que não podem fazer parte de uma consciência, temos justificativa para afirmar que a inferência não demonstra a existência de uma segunda consciência e então “teremos razão para modificar a inferência sobre nossa própria pessoa: ela não demonstra uma segunda consciência em nós, mas sim a existência de atos psíquicos privados de consciência.”<sup>43</sup>

O que a psicanálise busca é demonstrar que os processos mentais são em si inconscientes, e que o modo como a consciência percebe esses processos é semelhante à percepção que os órgãos sensoriais têm do mundo externo. Muito semelhante ao que já nos avisava Kant, de que não podemos “ignorar o condicionamento subjetivo de nossa percepção e não tomá-la como idêntica ao percebido incognoscível”,<sup>44</sup> i.e., que nossa percepção está condicionada subjetivamente, e aquilo que percebemos não é a coisa-em-si, a realidade ela mesma, mas apenas como ela se apresenta e é interpretada pela nossa sensibilidade, a psicanálise alerta para não botarmos a percepção consciente no lugar do processo psíquico inconsciente, pois o objeto da percepção é justamente esse processo.

Em outras palavras, assim como Kant nos alerta que o mundo externo percebido pode não ser ele mesmo como nos aparece, a psicanálise por sua vez nos alerta que também o psíquico não é necessariamente do modo como nos aparece na consciência, ela não contempla tudo aquilo que existe no mental, ou seja, o mental não se resume ao que aparece à consciência.

#### **4.2 Os diferentes sentidos de Inconsciente e a noção topológica**

Aqueles que tomam o mental e o consciente como equivalentes não deixam possibilidade de supor um estado mental inconsciente como faz Freud. Para esse tipo de corrente de pensamento, *inconsciente* tem um sentido meramente adjetivo e caracteriza aqueles estados mentais que estão à margem da consciência. O que Freud introduz com sua noção de inconsciente é algo completamente distinto do que se acreditava na época; não é apenas uma característica de certos atos mentais que são “pouco conscientes”, mas se trata de um novo sistema psíquico, regido por leis diferentes das do sistema consciente e cuja noção está diretamente atrelada à noção topológica e dinâmica da psique.

Freud não nos fala de uma consciência que não se mostra, mas de outra coisa inteiramente distinta; falamos de um sistema psíquico, o Ics, que se contrapõe a outro sistema psíquico, o Pcs-Cs, que é em parte inconsciente mas que não é o

---

<sup>43</sup> FREUD, 1915/2010, p.107

<sup>44</sup> *Ibidem*, p.108

inconsciente.<sup>45</sup>

Antes de adentrar na questão topológica, faz-se necessária uma diferenciação. Como brevemente exposto na seção anterior, vimos que existem atos psíquicos, como os atos latentes, que são inconscientes e ao mesmo tempo dotados das características dos atos conscientes. Nesses casos o uso dos termos “inconsciente” e “consciente” pode muitas vezes ser ambíguo. Afinal, como devemos denominar tais atos? Conscientes ou inconscientes? Se denominamos os atos latentes como inconscientes, de que forma os diferenciamos dos atos reprimidos, que são também inconscientes, mas não partilham das características dos atos conscientes? Apenas a inconsciência de um ato psíquico não é suficiente para determinar a qual sistema psíquico ele pertence.

Para resolver isso, Freud apresenta uma distinção terminológica entre os dois sentidos do termo inconsciente. O primeiro sentido é o descritivo, i.e., o sentido exclusivamente adjetivo do termo, que é usado quando estamos nos referindo a todos aqueles atos psíquicos que estão ausentes de consciência (como atos latentes, que são capazes de consciência mas não estão conscientes). O segundo sentido é o sentido sistemático, que é o inconsciente propriamente dito e dá nome a todo um novo sistema psíquico, não diz respeito apenas a uma característica dos atos ausentes de consciência. O primeiro sentido do termo, portanto, diz respeito àqueles atos que não são objetos de consciência presente, podendo ele pertencer ou não ao sistema Ics. Já o segundo sentido diz respeito exclusivamente aos atos mentais que pertencem ao sistema inconsciente. Para distinguir os dois sentidos de inconsciente, ao menos na escrita, quando nos referirmos ao sentido descritivo do termo Freud propõe utilizar a palavra inconsciente normalmente, escrita por extenso, e ao nos referirmos ao sentido sistemático do termo, Freud sugere que utilizemos a abreviação Ics, e para designar o sistema consciente usemos Cs.

Quanto aos sentidos do termo inconsciente, Caropreso (2008, p. 33) afirma que temos três, e não apenas dois sentidos que a psicanálise atribui ao termo. Além da noção descritiva e da sistemática, temos a noção dinâmica, que “designaria pensamentos e representações que, apesar de sua intensidade e de sua capacidade de ação eficiente, permaneceriam afastados da consciência, insuscetíveis de se tornarem conscientes”, em outras palavras, o reprimido. Essa noção dinâmica de inconsciente, que se limita a designar o reprimido, será mais usada na segunda topologia, visto que na primeira topologia o sentido sistemático engloba o sentido dinâmico.

---

<sup>45</sup>GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à Metapsicologia Freudiana: Volume 3*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p. 210

Tendo esclarecido tal questão, Freud dirá que na análise é possível perceber que um ato psíquico passa por dois estágios, e que na passagem de um estágio a outro encontra-se uma censura. No primeiro, portanto, ele é inconsciente e pertence ao Ics. Ao avançar em direção à consciência se depara com a censura, que pode rejeitar esse ato psíquico fazendo com que ele permaneça inconsciente e pertencente ao sistema Ics, ou ele pode ser aprovado e avançar para o sistema Cs. Porém, fazer parte do sistema Cs não quer dizer que tal ato psíquico é objeto de consciência presente, ele é apenas capaz de consciência, i.e., pode se tornar objeto de consciência sem maiores resistências caso certas condições sejam satisfeitas<sup>46</sup>. A esse estado que se encontram tais atos psíquicos chamamos de pré-conscientes, e reservamos o adjetivo consciente apenas aos atos psíquicos que são objeto de consciência presente. O pré-consciente constitui também um sistema, que Freud determina como sendo parte conjunta do sistema Cs, visto que os atos Pcs partilham das mesmas qualidades dos atos Cs, exceto pela ausência da qualidade de consciência no sentido descritivo. Um ato psíquico que faz parte do sistema Pcs também faz parte do sistema Cs, visto que é um mesmo sistema, mas enquanto pré-consciente ele permanece inconsciente, não é objeto de consciência presente.

### 4.3 A repressão e a dinâmica do aparelho psíquico

Ao apresentar as noções sistemáticas de inconsciente e consciente e a ideia de que um ato psíquico passa por duas fases, Freud tem como pressuposto a sua ideia topológico-sistemática e dinâmica da psique, como apresentada em *A interpretação dos Sonhos*, na qual a psique é dividida em certos sistemas que ele denominou Ics, Pcs e Cs (além do sistema Pcp e Mn) e que há certas forças atuando no aparelho psíquico, cuja noção deriva da resistência percebida na clínica psicanalítica, que por sua vez dá luz às ideias de censura e repressão.

Mas essa diferenciação em lugares psíquicos por si só não teria nenhum sentido significativo se não correspondesse também a uma diferença entre os dois sistemas, se esses lugares não fossem regidos por diferentes leis e seu modo de funcionamento e de articulação entre as representações não fossem distintos.<sup>47</sup> Tendo isso em vista, Freud se questiona o que ocorre quando uma ideia é transposta do sistema Ics para o sistema Pcs-Cs. Essa transposição gera (1) um segundo registro da ideia ou (2) uma mudança de estado na ideia? O que é alterado na representação quando essa passa de um sistema para o outro?

---

<sup>46</sup> FREUD, 1915/2010, p. 110

<sup>47</sup> ROZA, 1996, p. 220-221



A concepção (1), a qual chamaremos de topográfica, afirma que ao passar de um sistema para o outro a ideia original continua a existir, e uma “cópia” da ideia original existe também, mas em outra localidade psíquica. Teríamos assim uma espécie de duplicidade da ideia, uma que existe no Cs e outra no Ics. Esta concepção é a mais grosseira, porém mais cômoda, dirá Freud, pois tem suporte na prática psicanalítica. Freud utiliza como exemplo um caso em que se comunica ao paciente uma ideia reprimida por ele, e isso não ocasiona em qualquer alteração mental, não remove a repressão ou torna a ideia reprimida consciente, mas apenas rejeita novamente a ideia já reprimida. Dessa forma, dirá Freud, o paciente tem a mesma ideia sob duas formas, e em diferentes locais psíquicos; a primeira é a lembrança consciente de ouvir a ideia, dita pelo analista, e a segunda é a ideia original, primitiva. Isso poderia ser a prova de que ideias conscientes e inconscientes constituem registros diferentes e separados topograficamente; porém, logo em seguida Freud afirma que ouvir algo diferente de viver/experimentar algo, portanto a identidade entre o traço auditivo e a ideia reprimida seria apenas aparente, não servindo para o fim proposto.

A segunda hipótese, chamada de funcional, propõe que a ideia apenas muda de estado, deixando de existir na localidade original e passando à outra; esta hipótese é mais provável, apesar de ser menos manipulável.

Uma analogia interessante pode ser feita para explicar as duas hipóteses. A hipótese tópica seria como copiar uma imagem de um computador Windows para um computador Mac. A imagem original ainda permaneceria no Windows, com as características de uma imagem de Windows, e, ao ser copiada para um Mac, passaria a ter, ao pertencer ao sistema Mac, as características de uma imagem em tal sistema. A hipótese funcional seria como mover uma imagem de um Windows para um Mac. A imagem não mais pertenceria ao computador Windows e passaria a pertencer ao sistema Mac, tendo características de tal sistema. A ideia, na concepção tópica, existe de duas formas e em dois locais diferentes, com diferenças apenas das características de seus sistemas. A ideia na concepção funcional deixa de existir em um local para existir em outro, e ao pertencer a outro sistema também compartilharia das características desse sistema.

Freud expõe apenas exemplos em que a representação está no Ics e vai para o Pcs-Cs, mas e quando temos o contrário? Quando uma representação Pcs-Cs passa a ser Ics, o que ocorre? Nesses casos o que ocorre é a repressão, mas a dúvida ainda é a mesma: qual das duas hipóteses descreve corretamente o que acontece com a representação, nesse caso, reprimida?

Na seção IV, denominada *Topologia e dinâmica da repressão*, Freud vai expor

detalhadamente como ocorre a repressão em termos econômicos e dinâmicos. Falar em termos econômicos nada mais é do que falar em termos de quantidade de energia. Dessa forma, Freud defende que no processo de repressão o que temos é uma retirada de investimento, ou seja, a energia investida em certa representação é retirada, o que faz com que ela pertença ao Ics. Mas isso também traz suas problemáticas: a que sistema pertence o investimento retirado, e de qual sistema é retirado o investimento? Novamente Freud se utiliza do argumento clínico e afirma que, como a representação reprimida ainda tem capacidade de ação no Ics, pode-se dizer que ela conserva seu investimento nesse sistema. Podemos concluir, portanto, que a retirada de investimento pertence e acontece no sistema Pcs-Cs.

Essa retirada de investimento do Pcs é o processo que Freud chama de repressão propriamente dita. Quando ocorre a repressão, ou seja, quando a representação sofre uma subtração de investimento Pcs, ela pode receber investimento do Ics, conservar seu investimento Ics que já possuía ou substituir o investimento pré-consciente por um inconsciente.<sup>48</sup>

Mas aqui também mora uma questão problemática: o que atrai essa representação para o inconsciente? Como é possível que uma ideia reprimida receba investimento do Ics? De onde seria a fonte de tal investimento? A ideia foi desinvestida no Pcs, mas o que faz com que ela vá para o Ics? Afinal, não apenas coisas investidas chegam à consciência, não há uma regra como: quanto mais investida a representação é, mais próxima está da consciência. Por qual motivo a representação desinvestida do Pcs vai para o Ics? Para resolver tal problema, Freud introduz a noção de repressão primordial (ou recalque primário/originário), que antecede a repressão propriamente dita e incide em representantes pulsionais, geralmente na infância (na verdade é o mecanismo de repressão primordial que funda e divide o aparelho psíquico em consciente e inconsciente, portanto ele antecede qualquer divisão sistemática da psique), antes da separação entre consciente e inconsciente, e fixa tais representações, que vão exercer atração à outras representações quando sofrerem a repressão propriamente dita.

A repressão primordial, portanto, tem o papel de fixar certas representações, e a repressão propriamente dita é responsável pelo desinvestimento das representações. Uma vez desinvestidas, estas representações serão atraídas para o Ics devido às representações fixadas na repressão primordial.

[...] a repressão [propriamente dita] não é um mecanismo de defesa existente desde o início, que não pode surgir antes que se produza uma nítida separação entre atividade psíquica consciente e inconsciente, e que a sua essência consiste apenas

---

<sup>48</sup> FREUD, 1915/2010, p. 119

em rejeitar e manter algo afastado da consciência.<sup>49</sup>

Outra problemática do mecanismo de repressão é compreender por qual motivo a ideia que continuou investida no Ics ou recebeu investimento do Ics não tenta novamente invadir o Pcs? Sabemos que esse não é o caso, pois senão estaríamos diante de um ciclo infinito de investimento e desinvestimento e não teríamos a repressão. Em resposta a isso, Freud afirma existir um contrainvestimento Ics, “o único mecanismo da repressão primordial”<sup>50</sup>, que sustentaria e manteria a repressão, e é provável que o próprio investimento retirado do Pcs seja usado no contrainvestimento, como se a força retirada da representação fosse utilizada contra ela para mantê-la longe do sistema.

Aquele jogo de forças que Freud supôs em *A Interpretação dos sonhos* agora começa a ficar mais claro e notamos a importância que têm o caráter dinâmico dentro da teoria freudiana. Nesse jogo de forças o sistema Pcs busca manter representações longe da consciência através da repressão, desinvestindo certas representações, e o Ics por sua vez atrai certas representações devido à repressão primordial.

Apesar de Freud afirmar que a hipótese funcional tira de cena a topológica<sup>51</sup>, essa afirmação deve ser tomada com ressalvas, visto que ele afirmou que tal hipótese é menos “manipulável” em comparação à topológica.

#### 4.4 A comunicação entre os sistemas psíquicos

Na seção VI do artigo *O Inconsciente*, Freud vai buscar demonstrar e explicar como se dá a comunicação entre os sistemas psíquicos, e diferentemente do que se pode pensar, a comunicação entre os sistemas Ics e Pcs vai muito além da repressão. Freud afirma que o Ics não é algo morto, acabado, mas sim algo vivo, que pensa e que mantém várias relações com o sistema Pcs, as quais caracterizam a dinâmica do aparelho psíquico. O Ics não se resume àqueles conteúdos da repressão originária, mas ele “continua” em seus derivados, ele se estende no aparelho psíquico através de seus derivados, que estão em constante renovação e até podem sofrer influências do Pcs.<sup>52</sup>

Uma dessas comunicações entre Ics e Pcs ocorre quando um impulso inconsciente é capaz de atuar no mesmo sentido de uma das tendências dominantes na psique, ele então atua junto com um impulso pré-consciente, no que Freud chama de compromisso, e é um dos

---

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 85, grifo meu.

<sup>50</sup> *Ibidem*, p. 120

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 119

<sup>52</sup> *Ibidem*, p.131

poucos casos em que a repressão é removida e a atividade reprimida é permitida para reforçar a atividade pretendida pelo Eu.

Freud se atém a analisar os derivados do Ics, pois alguns deles compartilham características da consciência, como a alta organização, porém pertencem ao Ics e não são capazes de se tornar conscientes. Nesses casos, afirma Freud, a sua origem define seu destino — sua origem Ics o condena a este sistema. Esse é o caso das fantasias, elas tem todas as características do Cs, até chegam próximas da consciência, mas quando atingem um alto investimento são novamente rechaçadas e jogadas ao Ics. Outro tipo de derivado do Ics são as formações substitutivas, que também tem um alto grau de organização, mas diferentemente das fantasias, conseguem atingir a consciência caso se unam a um contrainvestimento do Pcs.

No Pcs, podemos dividir seus conteúdos em dois, aqueles cuja origem, cuja natureza é Ics, e aqueles cuja origem se dá de outra forma, como pela percepção. Podemos notar que muitas representações presentes no Pcs não se tornam conscientes, mas qual seria o motivo de tal acontecimento? Freud afirma que podemos supor a existência de uma segunda censura, entre Pcs e Cs, e que aquelas formações substitutivas que têm origem em instintos inconscientes e que, apesar de passar ao Pcs não conseguem chegar à consciência, ocorre devido à existência de uma segunda censura. A censura se dá sempre que há a passagem de um sistema mais baixo ao mais alto. A primeira censura, entre Ics e Pcs, rejeitaria o próprio Ics; a segunda censura, entre Pcs e Cs, rejeita os derivados do Ics. A essa introdução de uma segunda censura, Freud apresenta uma comprovação da prática clínica:

Solicitamos ao paciente que produza numerosos derivados do Ics, obrigamo-lo a superar as objeções da censura ao fato de essas formações pré-conscientes se tornarem conscientes e, pela vitória sobre essa censura, abrimos o caminho para a abolição da repressão, que é obra da censura anterior. Acrescentemos a observação de que a existência da censura entre Pcs e Cs nos lembra que o tornar-se consciente não é um simples ato de percepção, mas provavelmente um sobreinvestimento também, um avanço mas na organização psíquica.<sup>53</sup>

Freud pontua nesse trecho que para tomar consciência daquilo que é Pcs não basta um trabalho da percepção, mas seria necessário um sobreinvestimento do Pcs.

Como vimos, o objetivo da atividade instintual é chegar ao Cs, mas boa parte fica retida no Ics; porém, o Ics também é afetado pelas percepções — visto que o caminho que vai da percepção ao Ics é livre — apesar de que todo caminho que parte do Ics possui obstáculos. O conteúdo do Pcs deriva parte da percepção, parte do Ics, mas não sabemos até que ponto o Ics é influenciado, o que sabemos é que os derivados do Ics agem como intermediários entre Pcs-Cs e Ics, e são eles que são o objeto da prática psicanalítica.

---

<sup>53</sup>*Ibidem*, p. 136

#### 4.5 Afetos inconscientes

Freud até agora apenas se refere a ideias presentes no inconsciente, mas poderiam também haver sentimentos, sensações, impulsos inconscientes? Sobre os instintos, Freud é categórico ao afirmar que nunca podem ser conscientes. Todo conhecimento que temos a respeito deles se dá a partir de uma ideia que o representa ou afeto ao qual ele se liga — inclusive no inconsciente ele só pode ser representado por uma ideia, nunca temos conhecimento do instinto ele mesmo. É uma condição necessária para conhecer o instinto que este se ligue a uma ideia ou se expresse em afeto. Muitas vezes se fala de instinto inconsciente, que Freud diz ser apenas “inócua negligência de expressão”<sup>54</sup>, apenas um modo de dizer, pois só podemos estar nos referindo à ideia que representa o instinto e nunca ao próprio instinto.

Não há afetos inconsciente como há ideias inconscientes, o que não quer dizer que não exista, no inconsciente, formações afetivas. Isso pode parecer contraditório, mas Freud distingue as ideias como sendo investimentos de traços mnêmicos, e afetos como sendo processos de descarga, “ideias são investimentos — traços mnemônicos, no fundo —, enquanto afetos e sentimentos correspondem a processos de descarga, cujas expressões finais são percebidas como sensações”<sup>55</sup>. Quando um afeto sofre repressão, ele existe no inconsciente apenas como uma possibilidade de afeto, como potência, que não pode se desenvolver devido à repressão, enquanto a ideia, depois da repressão, continua a existir como formação real no Ics.

Um afeto, originalmente, sempre está acompanhado de uma ideia que o representa. Quando há a repressão, a ideia e o afeto são impedidos de consciência. Porém, o afeto busca ligar-se a outra representação, que caso também seja reprimida, liga-se a outra e a outra, numa sucessão de ideias, até que uma delas se torne consciente. Quando uma dessas ideias substitutas consegue se tornar consciente, a consciência atribui o sentimento de prazer ou desprazer à ideia substituta, quando o sentimento “correto” estaria ligado àquela ideia original que foi reprimida. Quando nos referimos a um afeto inconsciente, estamos na verdade nos referindo a representação reprimida a qual o afeto se ligou originalmente, o afeto de fato nunca foi inconsciente.

Porém, como dito acima, o que foi reprimido foi a representação do afeto, e não o afeto. No artigo *A Repressão*, de 1915, Freud afirma que o afeto pode tomar três destinos:

---

<sup>54</sup>*Ibidem*, p. 115

<sup>55</sup>*Ibidem*, p. 117

O destino do fator quantitativo da representante instintual pode ser triplo, como nos ensina um rápido exame das experiências reunidas na psicanálise. O instinto é inteiramente suprimido, de modo que dele nada se encontra, ou aparece como um afeto, qualitativamente nuançado de alguma forma, ou é transformado em angústia. As duas últimas possibilidades nos impõem a tarefa de contemplar, como nova vicissitude do instinto, a conversão das energias psíquicas dos instintos em afetos, muito especialmente em angústia.<sup>56</sup>

Em suma, um instinto nunca pode ser ele mesmo consciente, mas apenas a ideia que o representa, e afetos inconscientes dizem respeito na verdade a primeira ideia a qual o afeto estava ligado e que foi reprimida.

Freud constata aqui que a repressão pode impedir o desenvolvimento e consequentemente a exteriorização do afeto, o que demonstra o controle que o sistema Cs têm não apenas sobre a afetividade, mas também à motilidade, à ação. O objetivo da repressão não se resume a deixar representações longe da consciência, mas impedir desenvolvimentos afetivos e restringir o acesso Ics à motilidade. Muitas vezes a descarga de uma carga afetiva se dá por via somática, em tremores, dores, contraturas musculares, etc., e até então Freud não havia constatado que o sistema Cs também tinha controle dessa via de descarga, dando mais protagonismo ao sistema Cs no controle da vida psíquica.

#### 4.6 As particularidades do sistema Ics

“O âmago do Ics consiste de representantes instintuais que querem descarregar seu investimento, de impulsos de desejo, portanto.”<sup>57</sup> É assim que Freud inicia a seção V, onde ele vai buscar caracterizar e definir de maneira mais precisa o sistema Ics, e assim poderemos compreender como ele o diferencia dos outros sistemas. O centro, o núcleo daquilo que Freud chama de sistema Ics, é formado de tais representantes instintuais, que “coexistem”, i.e., não interferem um no outro, e não estão sujeitos ao princípio de não contradição. Caso dois impulsos tenham metas opostas, não irão se anular, mas sim formarão o que Freud chamou de compromisso, e buscarão uma meta intermediária para satisfazer ambos impulsos instintuais.

No inconsciente não há negação, há uma liberdade absoluta, ausência de resistência. A negação só vem com a censura do Pcs, que em níveis mais altos se torna o equivalente à repressão. No inconsciente o que predomina é o processo psíquico primário, caracterizado pelos processos de *deslocamento*, a partir do qual uma ideia pode doar toda ou parte da sua quota de investimento, e a *condensação*, processo que permite à ideia acolher todo investimento provindo de várias outras. O processo primário caracteriza a dinâmica do Ics,

---

<sup>56</sup> FREUD, 1915/2010, p.92

<sup>57</sup> *Ibidem*, p.126-127

onde a energia do sistema circula de forma livre, sem qualquer resistência ou *juízo*. “O que existe no Ics são conteúdos mais ou menos fortemente investidos”<sup>58</sup>, o investimento de uma ideia pode passar à outra por deslocamento, todos conteúdos do Ics estão submetidos ao princípio de prazer e não obedecem ao princípio da realidade, que cabe ao Pcs-Cs, e buscam apenas descarregar seu investimento, i.e., satisfazer o desejo da forma mais direta possível.

No sistema Pcs, por outro lado, os representantes estão sujeitos ao processo secundário, a energia não é totalmente livre como no Ics. Quando ocorre um deslocamento de investimento entre ideias Pcs, apenas uma pequena parcela é deslocada, mas pode haver comunicação entre os conteúdos das ideias e haver influência umas com as outras, mas não há compromisso, o que não acontece no Ics. O processo secundário também envolve o princípio de realidade, ou seja, os processos desse sistema são regulados de acordo com o real, e não apenas buscam satisfazer os seus objetivos, mas precisam se adequar à realidade para alcançá-los.

Os processos inconscientes também são atemporais, não são alterados pelo tempo, são fixos. Um trauma de infância, por exemplo, apesar de anos, continua o mesmo, não é modificado pelo tempo, pois a relação temporal se dá no Pcs-Cs.

Nossos conhecimentos desses processos inconscientes se deram até então apenas através dos estudos da neurose e dos sonhos, que são casos onde o Pcs-Cs sofre um rebaixamento; porém, nunca os conhecemos diretamente, apenas indiretamente. Freud faz uma afirmação que deve ser tomada com cuidado, de que os processos inconscientes são em si incapazes de existência.<sup>59</sup> Isso não quer dizer que não é possível existir processos inconscientes, mas diz respeito ao fato de que as características desse sistema e seus processos não são observáveis diretamente, mas apenas a partir de seus efeitos. Garcia-Roza afirma que Freud quis dizer que o inconsciente não é fenomênico/fenomenológico, não podemos observá-lo diretamente, apenas inferi-lo de seus efeitos na consciência, e portanto ele seria incapaz de existência, de existência fenomênica, de ser apreendido, em si mesmo, pela percepção direta, como o são os atos da consciência.<sup>60</sup>

Ordenação temporal, introdução de censura e princípio da realidade e processo secundário são, portanto, características que encontramos nos processos do Pcs e que seus contrários (ou quase isso) são encontrados no sistema vizinho, no Ics.

---

<sup>58</sup> FREUD, 1915/2010, p. 127

<sup>59</sup> *Ibidem*, p.128

<sup>60</sup> ROZA, 1996, p. 234-235

#### 4.7 O tornar consciente das representações inconscientes

Como já dito nos subcapítulos anteriores, tudo que se afirmou até agora sobre o inconsciente é derivado do conhecimento da interpretação de sonhos e da clínica com casos de neuroses. Mas existe um tipo de doença, que é chamada de neurose narcísica, que hoje chamamos de esquizofrenia, na qual o inconsciente se revela sem a barreira da repressão.

Freud notou que nos esquizofrênicos havia uma mudança na linguagem e a formação de frases ininteligíveis para nós, que geralmente tinham alguma ligação com o corpo. Ele cita o caso de um menino que demorava muito tempo se vestindo, tal qual um neurótico obsessivo; porém, quando questionado sobre sua demora, não teve problemas em dizer que, ao botar as meias, o tecido da meia se afasta, se estica, revelando buracos, e cada buraco para ele simbolizava o orifício genital feminino. Esse não é o caso de uma neurose, visto que o paciente não teve resistência alguma em admitir aquilo que causava sua demora. Já no caso de uma neurose, o paciente demorava muito tempo calçando as meias, e ficava botando e tirando-a, e depois de superadas as resistências percebeu que o pé era um símbolo do pênis, e colocar a meia simbolizava a masturbação, por isso o botar e tirar a meia várias vezes. Um outro paciente tinha problemas com os cravos na sua face, e na análise se percebeu que os cravos na pele eram o pretexto para exprimir seu complexo de castração. Todo lugar que espremeu um cravo formou uma cavidade, que simbolizava o orifício feminino, e agora se recrimina por ter estragado sua pele com sua constante mania de espremê-los. Tirar cravos para ele é um símbolo de masturbação, e o surgimento dos buracos representa a castração.

Nos esquizofrênicos, Freud percebe que a palavra está submetida ao processo psíquico primário, onde a palavra condensa e desloca todo seu investimento a outra, podendo ocorrer de uma única palavra representar toda uma cadeia de representações. Podemos notar algo em comum entre o sintoma esquizofrênico e a formação substitutiva do neurótico, a saber, “a predominância da referência à palavra sobre a referência a coisa”.<sup>61</sup> Buracos do tecido de uma meia e a cavidade vaginal feminina é algo praticamente incomparável, mas o que une os dois é a palavra, ambos podem ser referidos como um buraco, afinal, “Um buraco é um buraco”.<sup>62</sup> No caso do neurótico, o ato masturbatório pode se referir ao enfiar, ou mexer. A formação substituta não se dá necessariamente por semelhança entre as coisas, mas semelhança entre as palavras usadas para expressar tais coisas.

A partir disso, Freud conclui que a representação consciente ocorre na ligação da representação da coisa com a representação da palavra. Quando representamos um objeto na

---

<sup>61</sup> FREUD, 1915/2010, p.145

<sup>62</sup> *Ibidem.*



consciência, ele é representação do objeto (coisa) com a palavra que o corresponde. Como dito anteriormente, algo se torna consciente através de um sobreinvestimento, e agora podemos dizer que o sobreinvestimento acontece quando uma representação de coisa é ligada com a representação verbal que a corresponde. Em última análise, a linguagem é o que torna possível o surgimento do sistema Pcs, e também a substituição do processo primário pelo secundário, que levam a uma maior organização psíquica desse sistema. Aquelas representações de coisa que não encontram correspondente verbal continuam inconscientes e reprimidas.

Freud dá fim aqui ao dilema se a transposição de algo Ics para o Pcs se dá em um novo registro ou mudança de estado no mesmo conteúdo. Nem um, nem outro. No Ics temos representação de coisa, que se torna consciente apenas se for ligada à uma palavra.

## 5. A SEGUNDA TOPOLOGIA

Muitos autores se referem aos escritos de Freud após 1920 como a “virada de 1920”, tendo em vista a série de novas suposições apresentadas que modificam profundamente seu sistema teórico. A tese central sobre a qual a psicanálise se constrói é a de que existe uma diferenciação do nosso psiquismo entre o que é consciente e o que é inconsciente, ou seja, de que nem tudo que é mental é consciente, e que há coisas na mente que são inconscientes. Essa ideia surge a partir da ideia de resistência, que foi percebida por Freud, em um primeiro momento, na clínica com histéricos, mas depois se descobriu que essa manifestação não era exclusividade dos enfermos. Freud percebeu que, ao entrar em certos assuntos com os pacientes, eles apresentavam uma certa resistência mental ao assunto, que se expressava das mais diferentes maneiras, como em atos falhos, esquecimentos súbitos, etc. Por exemplo, ao abordar o tema da sexualidade com um paciente com traumas sexuais, o paciente começa a falar e se perde, ou esquece o que estava falando. Essas resistências Freud diz serem fruto de uma força que existe na psique e que se contrapõe a certas representações e as mantém longe da consciência, a qual ele denominou repressão. Essa força dá o caráter dinâmico da psique, e é a partir dela que Freud supõe a existência de um outro local psíquico diferente da consciência, onde estão presentes tais representações reprimidas, o inconsciente, e inaugura assim a noção topológica da psique. O inconsciente, portanto, em um primeiro momento, se resume àquilo que foi reprimido; nas palavras de Freud, “o reprimido é, para nós, o protótipo do que é inconsciente”.<sup>63</sup> Porém, como vimos, Freud diferencia o que é inconsciente apenas de maneira latente, como são os processos do Pcs, que podem se tornar conscientes com certa facilidade, daquilo que é inconsciente dinamicamente, i.e., aquilo que está reprimido. Freud constatou que aquilo que foi reprimido ainda tem capacidade de produzir efeitos na consciência sem ele mesmo se tornar consciente. Certos processos do sistema Ics podem surtir efeitos na consciência, e até mesmo chegar à consciência na forma de ideias, mas eles mesmos nunca são objeto de consciência.

A justificação de Freud para tudo isso já foi abordada no capítulo anterior deste trabalho, mas um dos argumentos que Freud considera centrais é que, durante o trabalho da prática psicanalítica, foi possível cancelar a força da repressão e tornar conscientes aqueles processos que, mesmo inconscientes, causavam efeitos na consciência. O aparelho psíquico assim descrito constitui, de maneira resumida, a primeira topologia freudiana, onde temos a psique dividida em dois sistemas que estão em constante conflito, sendo que o termo inconsciente apresenta dois sentidos, o descritivo, que designa os processos psíquicos latentes,

---

<sup>63</sup> FREUD, 1923/2011, p. 17

que podem facilmente se tornar consciente, e o sentido dinâmico, que diz respeito ao material psíquico reprimido, que pode se tornar consciente através do trabalho psicanalítico.<sup>64</sup>

Na sua primeira topologia, Freud acreditava que o Eu era, em sua totalidade, consciente. Havia uma identificação do Eu com a consciência. Porém, Freud logo percebeu que certas partes do Eu poderiam ser inconscientes. Essa suposição pode ser vista em *A Interpretação dos Sonhos*, onde Freud irá sustentar que todo sonho é a realização de um desejo reprimido, ou seja, Ics. Freud entendia que o sonho era fruto de um desejo inconsciente reprimido na infância que buscava expressão consciente; porém, em 1900 ainda não temos, nessa obra, de maneira satisfatória, um tratamento dos sonhos punitivos em geral, e Freud acrescenta, no ano de 1919, na seção C do Capítulo VII, três parágrafos que tratam desta temática, onde podemos ver o início das novas suposições que Freud fará nos próximos anos. Os sonhos de punição não parecem de forma alguma ser a realização de um desejo. Nesses três parágrafos, Freud irá ampliar sua teoria e afirma que o desejo que produz o sonho punitivo é, na verdade, um desejo inconsciente, mas que não pertence ao sistema Ics.<sup>65</sup>

Tendo em vista a tese de que todo sonho é a realização de um desejo reprimido na infância, como pode ser que tenhamos sonhos desagradáveis, angustiantes, e que não nos causam satisfação? Freud afirma que esses sonhos também são a realização de um desejo, mas o que acontece é que, em primeiro lugar, há no Eu um desejo de punição, e, em segundo lugar, o Eu reage negativamente ao desejo realizado no sonho, causando angústia. O Eu teria assim uma maior participação na formação dos sonhos do que se supunha em 1900. Portanto, frente a realização de um desejo reprimido, o Eu infringe uma punição, que já estava ali presente de maneira inconsciente, que é sentida como angústia e causa o que chamamos de sonhos de punição. Sendo assim, o sonho de angústia tem origem em um desejo de punição do Eu que reage ao desejo Ics — esse desejo punitivo não é um desejo reprimido, ou seja, pertencente ao Ics, mas sim um desejo do próprio Eu que é inconsciente ao Eu:

A característica essencial dos sonhos de punição seria, então, que o que neles se torna formador do sonho não é um desejo inconsciente oriundo do reprimido (do sistema Ics), mas um desejo de punição reagindo a este, pertencente ao Eu, embora inconsciente (isto é, pré-consciente)<sup>66</sup>

Essa nova suposição faz com que aquela identificação do Eu com o consciente caia por terra, e implica que uma parte do Eu é inconsciente, ao menos no sentido descritivo. Porém, Freud também identifica no Eu a existência de resistências. Sabemos que as resistências recaem sobre o Ics, portanto elas não podem pertencer ao próprio Ics e devem se

<sup>64</sup> ROUDINESCO, E. *Dicionário de psicanálise*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

<sup>65</sup> FREUD, 1900/2019, p.608-10

<sup>66</sup> FREUD, 1900/2019, p. 610

localizar em outro sistema psíquico; porém, tampouco as resistências podem ser do Pcs, visto que aquilo que pertence a esse sistema pode chegar à consciência sem maiores dificuldades, o que não é o caso das resistências, pois sobre elas nada sabemos, no máximo as identificamos a partir da sensação de desprazer. Sendo assim, parece ser o caso de que uma parte do Eu é inconsciente não no sentido meramente descritivo, latente, mas no sentido dinâmico, pois comporta-se como reprimido, causando efeitos na consciência sem se tornar consciente. Freud retoma aquilo que foi afirmado já em 1915, de que o inconsciente não se resume ao reprimido, porém, com essas novas suposições, a sua “noção de inconsciente não basta para descrever o psiquismo em seu conjunto.”<sup>67</sup>

Sendo assim, estamos diante de um impasse, as resistências se comportam como o reprimido, mas elas não podem pertencer ao Ics, visto que recaem sobre ele, e também não podem ser do Pcs, dado que se comportam como reprimido. Parece ser o caso de que as resistências são do próprio Eu; porém, aquela divisão sistemática da primeira topologia não dá conta de explicar isso. Reconhecendo que o Eu é em parte dinamicamente inconsciente, podemos dizer que estamos diante não apenas de dois sentidos de inconsciente, mas de três:

[...] se reconhece a existência de três inconscientes: um inconsciente assimilável ao recaiado, um inconsciente dependente do eu, distinto do recaiado, e um inconsciente latente, o pré-consciente.<sup>68</sup>

Diante disso, Freud é como que obrigado a introduzir a segunda topologia e supor, em um primeiro momento, a noção de Id, uma instância psíquica totalmente inconsciente. Mas não apenas o Id, Freud também vai supor uma instância que confronta o Eu, chamada de Super-Eu. A segunda topologia surge para dar conta de explicar apropriadamente o funcionamento do aparelho psíquico, tendo em vista essa pressão teórica em explicar como uma parte do Eu é inconsciente. Essa topologia não tem por objetivo substituir a primeira, tampouco se trata apenas de um “capricho” de Freud, mas é uma necessidade para dar conta de certas problemáticas.

Na obra *O Eu e o Id*, Freud trata de fazer uma síntese explicativa daquilo que foi suposto nos anos anteriores e que modificam fundamentalmente sua teoria; em um primeiro momento da obra, vai se dedicar a caracterizar as novas instâncias psíquicas introduzidas. Tendo isso definido, Freud vai concluir aquilo que foi apresentado no ano de 1920, em *Além do princípio de prazer*, onde supôs a existência de dois novos instintos: instinto de morte e instinto sexual (Eros). A suposição de um instinto de morte, que tem como meta levar o indivíduo à ausência total de excitação, advém da noção de reação terapêutica negativa —

<sup>67</sup> QUINODOZ, 2007, p. 227

<sup>68</sup> ROUDINESCO, E. *Dicionário de psicanálise*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

noção derivada da experiência clínica de Freud, em que ele percebeu que muitos pacientes, ao apresentarem uma melhora nos sintomas, acabavam regredindo e tendo uma piora da doença — o que reforça a ideia de uma instância crítica dentro da psique: o Super-eu. A parte da psique totalmente inconsciente é, portanto, o Id, um reservatório de pulsões e paixões, onde reina o princípio de prazer, tal qual era caracterizado o sistema Ics; o Eu, que é uma parte do Id modificada pela influência direta do Pcp, acaba por ser como que uma instância reguladora da psique, fazendo o “meio de campo” entre as exigências do Id e do Super-eu e a realidade.

Este capítulo se dedica a seguir os passos que Freud segue na obra *O Eu e o Id*, a fim de apresentar satisfatoriamente as mudanças ocorridas no pensamento de Freud nessa segunda etapa do seu pensamento.

## 5.1 O Eu e o Id

No segundo capítulo da obra *O Eu e o Id*, Freud afirma que até então todo nosso conhecimento se encontra ligado a consciência, inclusive só tomamos conhecimento do inconsciente quando o tornamos consciente<sup>69</sup>. Mas, afinal, o que é tornar algo consciente?

Para encontrar tal resposta Freud inicia investigando o que ele chama de “superfície do aparelho psíquico”<sup>70</sup>, que é a consciência, e se encontra ligada ao sistema perceptivo. Percepções conscientes são aquelas que vêm tanto de fora quanto de dentro, as quais denominamos sensações e sentimentos. Freud se indaga quanto aos pensamentos, seriam eles que avançam até a consciência, ou ela vai de encontro a eles? Nenhuma dessas duas hipóteses nos servem de resposta, e portanto Freud vai em busca de uma terceira.

No artigo *O inconsciente* o autor fez um grande avanço e conseguiu diferenciar as ideias Ics das Pcs sem fazer referência a consciência. Ele afirma que a diferença é que as do segundo tipo são representações ligadas a uma representação verbal Pcs, enquanto as do primeiro tipo são apenas representações de coisa, algo que não temos conhecimento. Assim, a questão “Como algo se torna consciente?” se transforma em “Como algo se torna pré-consciente?”<sup>71</sup>.

Essas representações verbais, que compõem o Pcs, são, em última instância, resíduos de memória perceptiva acústica, a palavra é, afinal, o resíduo mnemônico da palavra ouvida<sup>72</sup>, e, portanto, podem retornar à consciência com facilidade. Disso Freud tira uma importante

---

<sup>69</sup> FREUD, 1923/2011, p.22

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 23

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 24

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 25

conclusão, a de que tudo que é consciente em algum momento precisa ter sido percepção consciente. Se para algo se tornar Pcs-Cs precisa se ligar à uma representação verbal, e se estas se originam na percepção, a conclusão de Freud parece ser verdadeira e justificada. Aquilo, portanto, que há no fundo da nossa psique e deseja se tornar consciente, deve fazer-se percepção externa consciente — e esses resíduos mnemônicos aos quais uma representação de coisa se liga devem se localizar em um sistema próximo ao sistema Pcp-Cs, o que possibilita que seus investimentos possam chegar aos elementos do Pcp-Cs.<sup>73</sup>

Assim, para tornar (pré)consciente algo reprimido precisamos estabelecer elos intermediários pré-conscientes via tratamento analítico. Aqui se encontra a resposta àquela terceira hipótese que Freud buscava no início, o Cs não vai até o Ics, nem os Ics sobe ao Cs, o que ocorre são ligações entre as representações presentes em cada sistema.

Tendo isso estabelecido, Freud vai se ocupar de analisar a relação que o Eu tem com a percepção interna, e se podemos mesmo referir toda consciência a um único sistema Pcp-Cs. O que melhor conhecemos sobre as sensações da percepção interna são o prazer e o desprazer. As sensações de prazer invadem nosso espírito quando um investimento consegue uma via de descarga. Já a sensação de desprazer é, na verdade, oriunda de um aumento de tensão, aumento de investimento energético, e quando essa energia é descarregada, sentimos prazer. Essa sensação de prazer e desprazer que se torna consciente é o que Freud vai chamar de um “outro”, algo indeterminado que tem qualidade e quantidade.<sup>74</sup> Mas, afinal, esse “outro” se torna consciente no próprio lugar, ou tem de ser conduzido ao sistema Pcp?

Freud diz que, na clínica, esse “outro” que toma consciência como prazer/desprazer se comporta como um impulso reprimido, que pode receber investimentos sem que o Eu perceba; o Eu apenas nota uma resistência à pressão feita pelo “outro”, que se torna imediatamente consciente como desprazer. Portanto, a segunda hipótese, de que ele precisa ser conduzido ao sistema Pcp, parece mais correta. E também as nossas sensações e sentimentos só se tornam conscientes ao atingir o sistema Pcp; porém, caso o caminho para o Pcp seja barrado, as sensações não são sentidas como tais. Freud traz então uma analogia entre sentimentos e ideias inconscientes, a diferença consiste que, para as ideias é necessário que aquele elo pré-consciente as conduza ao Cs; já os sentimentos passam direto ao Cs, a distinção entre Cs e Pcs, para os sentimentos, não tem significado algum, eles são ou conscientes ou inconscientes.<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> *Ibidem*, p.24-25

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 27

<sup>75</sup> *Ibidem*.

Tendo deixado claro, portanto, que o papel das representações verbais é de intermediar os processos de pensamentos internos para que sejam transformados em percepção, Freud passa a desenvolver sua noção de Eu, ponto central para sua segunda topologia.

Originalmente o Eu nasce do sistema Pcp e é Pcs. Esse Eu é uma parte do Id modificada pela percepção externa do mundo. Essas percepções que formam o Eu são oriundas, em boa parte, do corpo. O Eu é, sobretudo, um Eu do corpo — em última análise é a projeção mental de uma superfície. O corpo, ao ser tocado, pode produzir duas sensações, e uma delas pode equivaler à sensação interna.<sup>76</sup>

Freud então expõe algumas distinções básicas entre Eu e Id. O Eu é uma instância do Id modificada pelo sistema Pcp, e nele vigora a razão e o princípio de realidade, que ele tenta impor ao Id, onde vigora o princípio de prazer. Também no Id vigoram as paixões, em contraponto à racionalidade do Eu. A importância que a percepção tem para o Eu é a mesma importância que os instintos têm para o Id.

Um ponto central é que o Eu tem uma importância funcional: ele domina os controles de acesso à motilidade. Assim, para explicar a relação entre Eu e Id, Freud se utiliza de uma analogia muito clara entre um cavaleiro e seu cavalo:

Assim, em relação ao Id ele se compara ao cavaleiro que deve pôr freios à força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com suas próprias forças, e o Eu, com forças emprestadas. Este símile pode ser levado um pouco adiante. Assim como o cavaleiro, a fim de não se separar do cavalo, muitas vezes tem de conduzi-lo aonde ele quer ir, também o Eu costuma transformar em ato a vontade do Id, como se ela fosse a sua própria<sup>77</sup>

O Eu não sofre passivamente os assaltos do Id, o que acontece é que o Eu é a única via de acesso que o Id tem à realidade, portanto é a única via de realização das suas metas instintuais e de descarga. Sendo assim, o Eu tenta impor ao Id, em certa medida, o princípio de realidade, mas às vezes cede às suas vontades a fim de manter um equilíbrio psíquico. A noção que Freud apresenta de Id surge, portanto, para dar conta das complexas relações do Eu com os diversos processos psíquicos.<sup>78</sup>

## 5.2 Id, Eu e Super-Eu

Antes de entrar no tema do Super-eu, Freud utiliza da melancolia para ilustrar os processos de substituição e identificação. Nessa patologia o objeto perdido é estabelecido no Eu e o investimento objetal é substituído por uma identificação. Esse processo de

---

<sup>76</sup> FREUD, 1923/2011, p. 32

<sup>77</sup> *Ibidem*, p.31

<sup>78</sup> Quinodoz, 2007, p. 227-228

identificação, dirá Freud, parece ser uma importante parte da formação do caráter do Eu, que seria um “precipitado dos investimentos objetais abandonados, de que contém a história dessas escolhas de objeto”.<sup>79</sup> Esse processo também pode ser entendido como uma maneira do Eu controlar o Id, de modo que o Eu assume as qualidades do objeto desejado pelo Id, e assim “se mostra” ao Id como podendo ser seu objeto de amor no lugar do objeto anteriormente desejado. Nesse caso a libido objetal se transforma em libido narcísica, ocorre o processo de sublimação, ou seja, o desejo deixa de ter uma meta explicitamente sexual, “perde” sua libido sexual, e se volta ao próprio Eu. Uma explicação desse processo de sublimação são os casos em que uma meta sexual que não é “socialmente elevada” é substituída por outra meta não sexual socialmente elevada, como a arte e o trabalho intelectual, como Freud explica nas *Conferências Introdutórias à psicanálise*:

Acreditamos que, por pressão das necessidades da vida, a civilização foi criada à custa da satisfação instintual e, em grande parte, é constantemente recriada, quando o indivíduo recém-ingresso na comunidade humana novamente sacrifica a satisfação instintual em prol do todo. Entre as forças instintivas assim empregadas, os impulsos sexuais desempenham papel importante; eles são sublimados, isto é, desviados de suas metas sexuais e direcionados para metas socialmente mais elevadas, não mais sexuais.<sup>80</sup>

Essas identificações objetais do Eu têm um papel importante na formação do caráter do Eu; porém, são aquelas identificações iniciais, ocorridas na infância, que mais influenciarão no caráter do Eu, como bem explica Quinodoz:

Essas primeiras identificações se comportam como uma instância particular no ego, opõem-se ao ego como superego ou ideal do ego. Quando o ego se torna mais forte, instala-se uma forma mais evoluída de identificação o ego consegue distinguir amor e identificação, e torna-se capaz de abandonar seus objetivos sexuais e de investir seus objetos edípicos de uma libido narcísica sublimada, identificando-se ao mesmo tempo com traços de sua personalidade.<sup>81</sup>

A primeira e mais significativa identificação do indivíduo ocorre na infância, que é a identificação direta e imediata com o seu pai (ou com os pais). Essa identificação é um tema um tanto complexo devido a dois fatores: a natureza triangular do complexo de Édipo e a bissexualidade constitucional do indivíduo.<sup>82</sup>

Freud vai se utilizar, portanto, do complexo de Édipo no menino para esclarecer como se dá a ocorrência desses dois fatores. No menino, muito cedo há um investimento objetal pela mãe, por conta do seio materno, uma escolha objetal “por apoio”<sup>83</sup>, que é quando a

---

<sup>79</sup> FREUD, 1923/2011, p.36.

<sup>80</sup> FREUD, Sigmund, *Obras completas, volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2014. p. 29-30.

<sup>81</sup> QUINODOZ, 2007, p.228

<sup>82</sup> FREUD, 1923/2011, p.39

<sup>83</sup> *Ibidem*.



escolha do objeto não está originalmente ligada a um impulso sexual mas sim a uma satisfação de necessidades físicas, no caso, a fome. Já com o pai há uma identificação direta. Com o desenvolvimento da criança e a intensificação dos desejos sexuais, o menino passa a ver o pai como um obstáculo à realização dos seus desejos pela mãe, e surge portanto o complexo de Édipo. Aquela identificação com o pai se torna hostil e se transforma num desejo de eliminá-lo e tomar seu lugar ao lado da mãe. A relação ambivalente com o pai — o desejo de eliminá-lo de um lado e a identificação do outro — junto com a relação de compaixão com a mãe, compõem o complexo de Édipo simples e positivo no menino.<sup>84</sup>

Em um dado momento há o decaimento do complexo de Édipo e o investimento objetal pela mãe precisa ser abandonado. Nesse momento, o investimento objetal pela mãe pode seguir dois caminhos: ser substituído por uma identificação com a mãe ou um fortalecimento da identificação com o pai. Novamente, aquilo que era investimento é substituído por uma identificação no Eu. O segundo caso é o mais comum e leva a uma consolidação da masculinidade no menino, além de manter uma boa relação com a mãe.

Ao fim do complexo de Édipo o objeto abandonado é a mãe, e nos casos em que a identificação se dá com o pai, o objeto abandonado (a mãe) não é introduzido no Eu, portanto não corresponde à nossa expectativa para explicar o processo de substituição e identificação. Esses casos ocorrem mais frequentemente com as meninas. Após ter de renunciar ao seu objeto de amor que é o pai, se identificam não com a mãe, mas com o pai, ou seja, se identificam com o objeto perdido.<sup>85</sup>

O desfecho do complexo de Édipo parece assim depender da relativa “força das duas disposições sexuais”<sup>86</sup>, que é uma das maneiras como a bissexualidade do indivíduo interfere nos destinos do complexo de Édipo. A bissexualidade também está na base do complexo de Édipo completo, ou duplo, muito presente nos neuróticos, onde o menino tem uma atitude ambivalente não apenas com o pai mas também com a mãe. Ele se comporta como uma garota e tem ciúmes para com o pai, da mesma forma que tem ciúmes da mãe e se porta como seu homem. Freud ainda afirma ser provável que essa “dupla ambivalência” com o pai se refira apenas e tão somente à bissexualidade, e não à identificação do pai como rival.

Sendo assim, Freud conclui que o complexo de Édipo é o responsável por estabelecer no Eu essas identificações iniciais e que o resultado desse processo é um precipitado no Eu, que irá se confrontar com o Eu formando um Super-Eu ou Ideal do Eu.<sup>87</sup>

---

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 40

<sup>85</sup> *Ibidem*.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p.41

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 42

Porém, o Super-eu não se resume a um resíduo das primeiras escolhas objetais do Id. O Super-eu foi responsável pela repressão do complexo de Édipo, sua existência se deve a isso. Quando o Eu infantil se fortificou para reprimir os desejos edípicos, internalizou dentro de si os mesmos obstáculos que impediam a satisfação de seus desejos infantis, ou seja, o Super-eu conserva o caráter do pai, pois pegou emprestada do pai a força para a repressão do Édipo; portanto, quanto mais forte foi o complexo de Édipo, mais rigoroso será o Super-eu com o Eu.

[...] o ideal do ego ou superego da criança não é formado apenas de identificações com o pai [...] mas é também o resultado de identificações com as proibições parentais que impediram a realização de desejos incestuosos.<sup>88</sup>

É por isso que o Super-eu faz advertências e proibições ao Eu como “Você deve ser assim (como o pai)” e “Você não pode ser assim (como o pai), não pode fazer tudo o que ele faz, existem coisas que ainda são reservadas a ele”<sup>89</sup>. O Super-eu, dessa forma, tem domínio sobre o Eu na forma de consciência moral ou sentimento de culpa inconsciente.

Posto isso, Freud afirma que se pode dizer que o Super-eu se origina de dois fatores, o fator histórico, que é o complexo de Édipo, e o fator biológico, que é a longa duração do desamparo e dependência infantil que tem o ser humano.<sup>90</sup> O Super-eu representa nossa relação com os pais, é a internalização dessa relação, que acontece no complexo de Édipo, e, portanto, podemos dizer que o Super-eu é herdeiro do complexo de Édipo. Quando o Eu erigiu o seu ideal, dominou o Édipo mas submeteu-se ao Id, e assim, enquanto o Eu representa a realidade, o seu ideal atua como advogado do Id, que representa apenas o psíquico, o interior — as tensões entre Eu e Ideal se resumem ao embate entre real e psíquico.<sup>91</sup>

### 5.3 Instinto sexual e Instinto de morte

Dissemos, na seção 5.1, que o Eu está sob influência da percepção assim como o Id está para os instintos. Mas a verdade é que também o Eu está sujeito à influência dos instintos. Em *Além do Princípio de prazer (1920)*, Freud introduziu dois novos instintos, o instinto sexual (Eros), e o instinto de morte. Como dito na introdução deste capítulo, Freud

<sup>88</sup> Quinodoz, 2007, p. 228.

<sup>89</sup> FREUD, 1923/2011, p. 42

<sup>90</sup> *Ibidem*, p. 43

<sup>91</sup> É importante pontuar que, ao final do capítulo III, Freud irá retomar algumas teses abordadas em textos anteriores, e busca investigar se há alguma origem filogenética no ideal do Eu, e supõe a existência de um *Id hereditário*, que abriga certos restos de *Eu's* anteriores e do qual se extrai parte do seu ideal: “[...] o Id hereditário alberga os resíduos de incontáveis existências de Eu e, quando o Eu cria seu Super-eu, a partir do Id, talvez apenas faça aparecer denovo anteriores formas de Eu ,proporcione-lhes uma ressurreição.” Essa discussão se encontra em FREUD, 1923/2011, p.45-48, e também tem um tratamento mais aprofundado na obra *Totem e Tabu (1912-1913)*.

acreditava que os processos psíquicos eram dominados pelo princípio de prazer, mas os casos de reação terapêutica negativa o fizeram supor a existência de um instinto de morte.<sup>92</sup>

A existência de um instinto sexual é muito clara para nosso conhecimento, ela envolve, além do instinto sexual, os impulsos instintuais sublimados e os instintos de autoconservação. Já os instintos de morte deram mais trabalho para serem definidos, e Freud viu no sadismo o seu melhor representante. A meta deste é “reconduzir os organismos viventes ao estado inanimado, enquanto Eros busca o objetivo de [...] tornar mais complexa a vida, nisso conservando-a, naturalmente.”<sup>93</sup> A vida seria uma luta entre esses dois instintos, um buscando a morte, a inatividade, a destruição, o outro buscando a vida, a reprodução, a união.

Esses dois instintos, durante a vida, estariam ativos no indivíduo em uma combinação desigual, embora a maneira como isso aconteça ainda não seja clara para nós. Mas, admitindo uma união dos dois instintos, podemos admitir também uma disjunção. Um exemplo de união seria quando um instinto sexual tem um componente sádico — os dois instintos se uniram com um mesmo propósito. No caso de um exemplo de disjunção teríamos o sadismo como perversão. Percebemos que o instinto de destruição se une ao Eros para conseguir um meio de descarga. A questão central é: existe alguma relação destes dois “novos” instintos com o Eu, Id e Super-eu? E o princípio de prazer teria alguma função no aparelho psíquico, tendo em vista esses novos instintos?

Para ficar mais clara a distinção entre os dois instintos, Freud atribui a Eros o amor, e ao instinto de morte o ódio. Porém, na observação clínica, Freud percebeu que amor e ódio sempre andam juntos, e não apenas isso, mas muitas vezes o amor se transforma em ódio e vice-versa, como nos casos da paranoia persecutória, no qual o doente, a fim de se defender de uma ligação homossexual muito forte com uma pessoa, vê essa pessoa amada como um perseguidor, e portanto dirige a ele certa agressividade. O grande amor que ele nutria por uma pessoa do mesmo sexo se transforma em ódio. Na gênese da homossexualidade e dos sentimentos sociais dessexualizados, a psicanálise nos mostra que existem sentimentos de rivalidade que levam a uma agressividade; esta, quando superada, torna o objeto odiado em objeto de amor ou identificação. Nesse caso as mudanças ocorreram independentemente do

---

<sup>92</sup> Freud sempre traz referências à fisiologia e a biologia em seus textos, e ele vai relacionar os instintos sexuais ao processo de anabolismo, como por exemplo a construção de tecido no corpo, unindo o simples em algo mais complexo, e o instinto de morte ao catabolismo, ao processo de quebra, de destruição, de transformação do complexo em simples.

<sup>93</sup> FREUD, 1923/2011, p. 50

objeto, mas a questão que cabe é se podemos dizer que a conversão de ódio em amor é sempre direta e, em caso de resposta negativa, como se dá essa conversão.

Para essa questão Freud apresenta uma outra possibilidade, que envolve um outro mecanismo que ocorre nos casos de paranóia. Dado que nessas patologias está presente uma atitude ambivalente, e a transformação de ódio em amor ocorre por meio de um deslocamento do investimento, onde a energia do impulso erótico é retirada e passada para o impulso hostil, também na superação da rivalidade nos casos de homossexualidade a atitude hostil não vê perspectiva de descarga, e por isso é substituída pela atitude amorosa, que tem mais possibilidades de ser satisfeita. A transformação não seria direta, portanto, mas consistiria num descolamento de investimentos<sup>94</sup>. Apesar de não afirmar com certeza, Freud afirma que essa segunda hipótese parece mais plausível; porém, ela supõe a existência de uma energia neutra deslocável, que teria a capacidade de aumentar o investimento e se ligar a um impulso sexual ou de morte indiferentemente. Qual seria a origem e a que pertence tal energia? Essa energia neutra deslocável seria oriunda da reserva de libido narcísica, que nada mais é do que Eros dessexualizado, que pode também ser chamada de energia sublimada, visto que perde sua relação aparente com o componente sexual e ainda mantém a intenção do Eros, que é unir, juntar, ligar, e também auxilia no estabelecimento de uma unidade que é uma inclinações do Eu<sup>95</sup>. Freud supõe que seja Eros pois os instintos sexuais são muito mais plásticos que os outros. Essa energia, visto que opera em favor da descarga, parece trabalhar junto ao princípio de prazer. A indiferença presente nessa energia, sua neutralidade, é muito semelhante aos investimentos do Id, que não se importam com o objeto do investimento, mas apenas com a descarga. A hipótese de que a sublimação ocorre por intermédio do Eu parece aqui fazer sentido e ganha mais força.

Se formos recapitular, o Eu lida com os primeiros investimentos objetais do Id, pegando para si a libido desses investimentos e ligando-os às alterações que ocorrem no Eu devido a identificação; essa transformação de libido objetal em libido narcísica envolve uma dessexualização, uma sublimação. Podemos então concluir que o Eu e o Eros tem uma certa relação na medida que o Eu toma para si a libido dos investimentos do Id, sublima a libido do Id, trabalha contra as intenções de Eros, e em favor de outros impulsos contrários a Eros. Ao trabalhar contra o Eros, e portanto em favor das pulsões de destruição, o Eu se põe em risco, podendo vir a se tornar objeto dessas pulsões e até vir a ser destruído.

---

<sup>94</sup>*Ibidem*, p. 54-55

<sup>95</sup>*Ibidem*, p.56

O conhecimento que temos dos instintos de morte sempre se dá por meio de suas contribuições a Eros, nunca diretamente. Os instintos de morte parecem ser mudos ao sujeito, muito porque todo instinto deste tipo que se volta para o exterior, o faz por mediação de Eros, que os desviou do Eu<sup>96</sup>.

O Eros é o grande responsável pelo aumento da tensão, e portanto pelo desprazer; o Id, guiado pela sensação de desprazer, busca desviar dessas tensões por meio da rápida satisfação das tendências sexuais explícitas.

Em primeiro lugar, pela rápida indulgência para com as reivindicações da libido não dessexualizada, ou seja, o empenho na satisfação das tendências diretamente sexuais. De modo bem mais amplo, numa forma particular dessas satisfações, em que convergem todas as exigências parciais, livrando-se das substâncias sexuais, que são veículos saturados, por assim dizer, das tensões eróticas.<sup>97</sup>

Dessa forma, vemos que o Id, a pulsão de morte e o princípio de prazer tem o mesmo objetivo — com motivações diferentes — o de diminuir a tensão psíquica.

Por fim, Freud faz uma análise da satisfação sexual humana pela visão dos dois instintos. Aquele estado de plena satisfação que se segue após ato sexual seria a liberação total do Eros, deixando o instinto de morte livre para concluir suas metas, daí a breve sensação depressiva que ocorre após um orgasmo. Isso não é característica particular dos humanos, em alguns seres inferiores a procriação e a morte se dão no mesmo ato.

#### **5.4 As relações entre as novas instâncias psíquicas**

No capítulo final de *O Eu e o Id*, Freud se propõe a explicar como se dão as relações entre todos esses elementos que envolvem a segunda topologia: Eu, Super-eu, Id, instinto de vida e morte, etc.

A primeira coisa a ser explicada é a relação entre o Super-eu e o Id, que Freud explica a partir do sentimento de culpa inconsciente que percebemos na melancolia e na neurose obsessiva. Freud notou que alguns pacientes, assim que começavam a apresentar melhoras no seu quadro clínico, tinham um grande retrocesso e os sintomas retornavam fortemente. Ele chamou isso de reação terapêutica negativa, onde há necessidade não de cura, mas de permanecer doente. Essa reação negativa teria sua origem em um sentimento de culpa, inconsciente ao Eu, que encontra na doença seu objeto de satisfação — que se expressa da seguinte maneira: eu sinto culpa (mas esse sentimento de culpa é inconsciente), e a doença é minha punição, se não estou doente, não estou sendo castigado, e eu preciso ser castigado pois

---

<sup>96</sup>*Ibidem*, p.58

<sup>97</sup>*Ibidem*, p.59

sou culpado. Tudo isso ocorre de forma inconsciente ao sujeito, ele não se sente culpado, mas doente, pois a culpa se manifesta na doença e conseqüentemente na resistência à cura.

Afinal chegamos a perceber que se trata de um fator "moral", digamos, de um sentimento de culpa que encontra satisfação no fato de estar doente e não deseja renunciar ao castigo de sofrer [...] Mas este sentimento de culpa permanece mudo para o doente, não lhe diz que é culpado; ele não se sente culpado, mas doente. Este sentimento de culpa manifesta-se apenas como uma resistência à cura difícil de ser reduzida. Também é particularmente difícil convencer o doente desse motivo da persistência de sua enfermidade, ele se apega à explicação mais óbvia de que o tratamento analítico não é o meio correto de ajudá-lo.<sup>98</sup>

Como sabemos, esse sentimento de culpa ocorre devido a um embate entre o Eu e seu Ideal — a crítica do Super-eu sobre o Eu é percebida como sentimento de culpa. Na neurose obsessiva, o que ocorre é que o sentimento de culpa não consegue se justificar perante o Eu, justamente pelo fato de o Super-eu estar “criticando” o Eu por influências inconscientes. Assim, o Eu não entende o porquê da crítica tão aguda do Super-eu e o paciente sente uma indignação com esse sentimento forte e constante. Na melancolia é diferente, o que acontece é que o Eu não se indigna com a culpa, ele se vê como culpado e aceita o castigo. Aqui, o objeto que causa a crítica do Super-eu é aceito no Eu por identificação, na neurose o objeto e a crítica permanecem inconscientes e longe do Eu.<sup>99</sup>

Freud traz ainda um caso onde esse sentimento de culpa inconsciente transformou um homem em um criminoso. Ele afirma que, quando há no homem um sentimento de culpa muito forte, esse sentimento motiva o crime. O homem busca cometer o crime para que seu sentimento de culpa inconsciente tenha um objeto real, um referente na realidade, para que ele possa entender o porque é culpado e não apenas sentir-se culpado sem saber o porquê.<sup>100</sup>

Mas qual o motivo de tamanha rigidez do Super-eu para com o Eu? Novamente se utilizando da melancolia, Freud diz que o Super-eu se apoderou de todo sadismo do indivíduo, que consideramos ser o representante do instinto de morte, e que este se voltou contra o Eu, “o que então vigora no Super-eu é como que pura cultura do instinto de morte”<sup>101</sup>. O Eu por sua vez não concorda com tal agressão e busca inibi-la através de formações reativas, que é um mecanismo de defesa, um contrainvestimento ao inconsciente. O problema é que o Super-eu interpreta como se essas tendências agressivas fossem pertencentes ao Eu, e o pune severamente. Essa punição severa do Super-eu contra tais

---

<sup>98</sup> *Ibidem*, p.62

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 64

<sup>100</sup> *Ibidem*, p. 65

<sup>101</sup> *Ibidem*, p.66. Nas neuroses não temos isso tão claro, visto que boa parte do processo ocorre no inconsciente, mas o que parece ocorrer é que o indivíduo retorna à uma organização pré-genital, possibilitando que os impulsos amorosos se convertam em agressão contra o objeto.

tendências nos mostra que elas são realmente substituição de amor por ódio e não apenas “mera aparência suscitada pela regressão”<sup>102</sup>. O Eu fica assim transtornado, sendo incomodado pelos instintos destrutivos do Id e pela rigidez do Super-eu.

Na melancolia os instintos de morte estão especialmente presentes no Super-eu, mas a que se deve isso? A agressividade do melancólico não pode se expressar no mundo exterior, ficando restrita ao interior. Portanto, toda sua agressividade é usada pelo seu Super-eu e se volta contra o Eu. Podemos ver isso no caso de pessoas que não externam sua agressividade ao mundo exterior, elas tendem a ter um Super-eu mais rígido e crítico, enquanto em pessoas mais agressivas o Super-eu é mais “brando”.

É notável o homem, quanto mais restringe sua agressividade ao exterior, mais severo, mais agressivo se torna em seu ideal do Eu. Para a consideração habitual é o oposto, ela vê na exigência do ideal do Eu o motivo para a supressão da agressividade. Mas o fato permanece como o enunciamos: quanto mais um indivíduo controla sua agressividade, tanto mais aumenta a inclinação agressiva do seu ideal ante o seu Eu. É como um deslocamento, uma volta contra o próprio Eu. Já a moral comum, normal, tem o caráter de algo duramente restritivo, cruelmente proibitivo. Daí vem, afinal, a concepção de um ser superior que pune implacavelmente.<sup>103</sup>

Até aqui compreendemos que o Super-eu tem uma relação bem aberta com o Id inconsciente e o porque em certas patologias ele ser tão rígido. O que Freud vai supor a partir daqui é que, naquela primeira identificação que tivemos com o pai e de onde surge o complexo de Édipo, em que nessa identificação ocorre uma sublimação/dessexualização, há também uma disjunção instintual. Isso quer dizer que, após a sublimação do instinto, que era uma mistura de Eros com instinto de morte, Eros não tem mais força para se ligar ao instinto de morte, que por sua vez se vê livre na psique. Dessa disjunção o ideal do Eu extrai seu caráter duro e cruel - o imperativo “Ter que”<sup>104</sup>. No caso da neurose obsessiva a disjunção de amor em ódio não é feita pelo Eu mas sim pelo Id, que por sua vez se estende do Id ao Super-eu, que aumenta seu rigor com o Eu que não tinha nenhuma relação com essa disjunção. O Eu acaba se tornando alvo do Super-eu devido ao seu controle sobre a libido.

Com todos esses esclarecimentos sobre as relações entre as diferentes instâncias psíquicas, podemos ter uma boa noção, afinal, do que se trata propriamente o Eu e quais suas funções. Muitas funções que na primeira topologia eram da consciência são agora fundidas com o Eu. O Eu tem em seu núcleo a percepção, e devido a isso é responsável por estabelecer a ordenação temporal dos processos psíquicos, bem como submetê-los à prova da realidade. Uma função importante que já havíamos destacado é que o Eu domina os acessos à

---

<sup>102</sup> *Ibidem*, p. 67

<sup>103</sup> *Ibidem*, p.68

<sup>104</sup> *Ibidem*, p.69

motilidade, ou seja, à descarga motora, mas Freud aponta que esse domínio é mais formal do que factual, ou seja, ele diz mais respeito sobre a maneira como vai ser descarregado motoramente, e não como de fato será. Freud utiliza de uma analogia, que ilustra muito bem de qual é o domínio que o Eu tem sobre a descarga motora:

[...] O Eu tem posição semelhante à de um monarca constitucional, sem cuja sanção nada pode se tornar lei, mas que precisa refletir muito, antes de impor seu veto a uma proposta do parlamento <sup>105</sup>

O Eu que possibilita ao Id ter vivências externas, mas, ao mesmo tempo, tenta botá-lo sob seu comando, retirando libido dele para que essa possa ser transformada em libido do Eu. O Id tem acesso ao Eu por duas vias, uma delas é direta e a outra passa pelo Ideal do Eu. A formação do Eu se dá a partir da percepção dos instintos ao domínio deles, e da obediência aos instintos à inibição deles.<sup>106</sup> Podemos dizer que o Eu se encontra sob uma tripla servidão: do mundo exterior, da libido do Id e da severidade do Super-Eu. Localizado entre o Id e o mundo externo, o Eu tenta fazer o mundo levar em consideração as exigências do Id através da ação, e também tenta fazer o Id obedecer ao mundo, ao real.<sup>107</sup>

A relação do Eu com os dois instintos não é imparcial, o Eu se põe como aliado dos instintos de morte — ao sublimar o Eros, os instintos de destruição estão livres para juntarem-se ao Super-eu, ou até mesmo tomar o Eu como objeto. O Eu assim arrisca sua própria vida nesse processo contra a libido.

O Eu, ameaçado de tantos lugares, desenvolve um processo reativo de retirada do seu investimento. Assim, quando identifica uma percepção ameaçadora ou um processo do Id que pode causar-lhe problemas, ele já retira seu investimento e externa esse processo como angústia. Esse medo que move o processo todo pode ser tanto medo de ser dominado quanto de ser destruído, mas na análise não conseguimos descobrir de qual dos dois se trata. Assim, Freud conclui dizendo que essa angústia do Eu ante o Super-eu pode ser entendida como um medo da castração que uma vez foi ameaçada pelo ser superior que se tornou ideal do Eu.

---

<sup>105</sup> *Ibidem*

<sup>106</sup> *Ibidem*

<sup>107</sup> *Ibidem*, p. 70



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho não buscou responder a uma pergunta ou problemática específica, mas se ocupou em fazer um sobrevoo pelas principais obras que compõem a noção topológica da psique apresentada por Freud.

A primeira parte deste trabalho tratou dos *Estudos sobre histeria*, onde o que se buscou foi apresentar os primeiros desenvolvimentos teóricos que Freud faz a respeito da psique que o levam a supor um aparelho psíquico dividido em diferentes sistemas e lugares. Vimos que a resistência, percebida por Freud na clínica, é como que a mãe da psicanálise, a qual Freud diz ser a manifestação da repressão, força psíquica que impede certas representações de chegarem à consciência. Partindo dessa noção, Freud vai supor a existência de um local psíquico diferenciado da consciência para onde vão as representações reprimidas; tal noção, da existência de uma força na psique que se opõe à certas representações, caracteriza o caráter dinâmico da psique apresentada por Freud. Porém, nos *Estudos*, todas essas noções são muito elementares, e não são apresentadas de modo a formar uma coesão e constituir um aparelho psíquico.

A noção de topologia aparece de maneira mais esquemática em *A Interpretação dos sonhos*, onde Freud é muito claro a respeito do que ele compreende por sistemas e locais psíquicos, que estes nada tem a ver com locais anatômicos, mas sim locais metafóricos, ideais. Nessa primeira aparição da sua noção topológica, o aparelho psíquico é apresentado num esquema semelhante ao do arco reflexo, herdado por Freud da neurologia. Esse esquema teria início no sistema perceptivo, percorrendo os sistemas mnemônicos, onde as percepções são armazenadas e relacionadas, depois a excitação passa pelos sistemas Ics, Pcs e finalmente são descarregadas no sistema motor. O esquema do aparelho psíquico apresentado nessa etapa do pensamento de Freud deixa alguns pontos em aberto, que não foram explorados neste trabalho, mas vejo como importante pontuar a existência da problemática — como, por exemplo, o fato de que o aparelho tem seu início na extremidade perceptiva e seu final na outra extremidade, onde se localiza a consciência. Partindo disso, parece ser o caso que a percepção não é consciente. Porém, em um dado momento, Freud denomina o sistema perceptivo como sistema Pcp-Cs (percepção-consciência). Tendo isso em vista, teríamos a consciência localizada nas duas extremidades do aparelho psíquico; porém, não é isso o que Freud apresenta nos esquemas do Capítulo VII de *A Interpretação dos sonhos*. Esse é um ponto de sua teoria ainda obscuro e, de minha parte, ainda não solucionado; porém, é pertinente ressaltar que esse trabalho se trata do início de um projeto de pesquisa a respeito de

todo o pensamento freudiano, e tal problemática é um ponto futuro a ser esclarecido em minhas pesquisas.

Nos dedicamos, no quarto capítulo deste trabalho, especialmente ao artigo *O inconsciente*, de 1915. Pudemos ver que, nesse texto, Freud apresenta uma visão mais madura a respeito de cada sistema psíquico suposto, bem como uma apresentação sistemática do que compõe o aparelho psíquico e uma série de argumentos em favor da sua noção de inconsciente. Embora Freud reconheça que o inconsciente não se resume ao que é reprimido, o sistema inconsciente na primeira topologia não vai muito além dele. O sistema Ics vai ser apresentado como sendo composto de representantes instintuais e representações reprimidas, onde vigora o princípio do prazer, a busca pela descarga a qualquer custo, o processo primário, a ausência de contradição, a atemporalidade e a substituição da realidade externa pela psíquica.<sup>108</sup> Já o sistema pré-consciente será caracterizado como sendo responsável pela censura, acessos à motilidade e à consciência, introdução do princípio de realidade/prova de realidade, memória, ordenação temporal e, algo muito importante, nesse sistema estão os representantes de palavras, a partir dos quais aqueles representantes de coisa do inconsciente se ligam para chegar à consciência. Por vezes Freud se refere ao sistema pré-consciente como Pcs-Cs. O que vemos é que, na verdade, o sistema consciente diz respeito apenas àquilo que é objeto de consciência presente, e o que Freud vai examinar de maneira mais aprofundada é o sistema pré-consciente. Freud se refere muitas vezes aos dois sistemas como juntos visto que a diferença dos processos psíquicos de ambos se encontra apenas na qualidade de ser ou não ser consciente no sentido descritivo.

A partir dos anos 1920, Freud inicia uma série de novas suposições a respeito do aparelho psíquico, e sua chamada segunda topologia se impõe a ele como uma necessidade teórica. Como foi dito, sua teoria até então sustentava uma divisão sistemática da psique principalmente em um sistema inconsciente e outro pré-consciente-consciente, e que entre tais sistemas há um conflito de forças — que é a repressão — que Freud vê como a causa de certas patologias. Também na primeira topologia, apesar de Freud não se debruçar muito sobre o tema, o Eu era considerado como sendo totalmente consciente. O que acontece é que Freud percebe que uma parte do Eu é inconsciente, não no sentido meramente descritivo, mas no sentido dinâmico. Ele percebeu que uma parte do Eu se comportava como reprimido — as resistências que Freud identificava nos doentes não poderiam ser fruto do Ics, visto que era sobre ele que elas recaíam, e nem do Pcs, visto que era necessário um grande esforço para torná-las conscientes. Freud vai supor, portanto, que uma parte do Eu é inconsciente no

---

<sup>108</sup> FREUD, 1915/2010, p. 128

sentido dinâmico, mas que tal parte não se localiza no sistema Ics, e sim no Eu. Porém, considerar uma parte do Eu como inconsciente levaria a primeira topologia à ruína. A partir disso, por uma necessidade, Freud supõe a existência de uma instância psíquica totalmente inconsciente, que é o Id, para diferenciar aquilo que é inconsciente porque foi reprimido daquela parte do Eu que é dinamicamente inconsciente. O Id surge, portanto, para dar conta de diferenciar aquilo que era inconsciente e fazia parte do Eu daquilo inconsciente que não é parte do Eu. Podemos dizer que o Id é o inconsciente propriamente dito, é aquilo de mais profundo que temos na nossa psique.

Porém, as suposições de Freud vão além, e ele percebe que há uma outra instância psíquica, que se comporta como um “rival do Eu”, a qual chamou de Super-Eu. Essa instância psíquica já havia sido teorizada em 1914, em *Introdução ao narcisismo*, porém em 1923 ela toma uma nova forma, e será considerada como herdeira do complexo de Édipo. No começo da vida, nosso aparelho psíquico ainda está em formação e não é composto por todas as instâncias psíquicas, é puro Id. O Id vai fazer suas primeiras escolhas objetais, dando início ao complexo de Édipo. Porém, devido à influência do mundo externo (por meio da percepção), o Eu se forma e busca controlar esse investimento objetal do Id. Para conseguir controlar os desejos do Id, o Eu erige, a partir da força que pega emprestado do complexo paterno, o Super-Eu, a instância psíquica que surge para dominar o complexo de Édipo e é a internalização da relação com nossos pais, que conserva principalmente aqueles imperativos punitivos vindos, no mais das vezes, do pai. O Super-eu tem uma parte totalmente inconsciente, portanto tem contato direto com o Id, e atua como seu advogado, fazendo com que o Eu se veja sob a ameaça de três assaltos: das pulsões do Id, da crítica do Super-eu, e das ameaças do mundo externo.

As duas últimas suposições que analisamos foram os dois novos instintos: instinto de morte e instinto sexual (Eros). O que é mais importante salientar são as relações que esses instintos têm com o resto do nosso psiquismo. Freud deriva a noção de instinto de morte a partir da percepção da reação terapêutica negativa, onde os pacientes tinham a necessidade de permanecer doentes. O instinto de morte tem como meta a ausência total de excitação, portanto, a morte, ou seja, ele busca a todo custo a descarga. Os investimentos do Id e o princípio de prazer também partilham dessa característica, portanto, Freud constata que esses três componentes muitas vezes andam juntos em direção à descarga. Os instintos sexuais, por sua vez, são os maiores responsáveis pelo aumento da tensão psíquica, causando desprazer.

Sendo assim, vemos que aquilo que foi elaborado na primeira topologia não perde totalmente seu sentido na segunda, apenas perde seu “protagonismo”. O princípio de prazer

não tem o protagonismo que tinha, mas ainda está presente no curso do processos psíquicos, ele continua tendo sua função, porém a adição dos dois instintos se fez necessária frente às complexidades de explicar certos processos psíquicos. O princípio de realidade também continua tendo seu papel, porém como função do Eu e não do Pcs, e os sistemas, as localidades psíquicas, não são descartadas, elas ainda fazem parte da divisão do aparelho psíquico, apenas perderam seu protagonismo pois também não davam conta de explicar certos pontos.

Em suma, na segunda topologia, o que era atribuído ao sistema Pcs passa a ser função do Eu, o que era atribuído ao sistema Ics passa a ser do Id, e a noção de Super-eu, que estava presente no pensamento de Freud desde 1914, ganha mais expressão em 1923 como uma nova instância psíquica. O ponto de vista sistemático-topológico, portanto, ainda é válido, visto que as novas instâncias psíquicas continuam a ser localizadas em determinados locais psíquicos, o que muda é que as funções agora são atribuídas a essas instâncias psíquicas e não mais aos sistemas.

É prudente apontar, novamente, que esse trabalho não objetivou uma análise minuciosa de todas as problemáticas que envolvem as suposições de Freud, mas antes se trata de um trabalho expositivo, que visa apresentar os argumentos gerais utilizados por Freud para fundamentar seu ponto de vista topológico da psique. Uma das finalidades desse trabalho também é ser o pontapé inicial de uma pesquisa mais detalhada e aprofundada a respeito da construção, desenvolvimento, e consequências do pensamento freudiano.

## Referência bibliográfica

FREUD, Sigmund e BREUER, Joseph. *Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 4: a Interpretação dos sonhos (1900)*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2010

FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2011

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à Metapsicologia Freudiana: Volume 3*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

CAROPRESO, F.; SIMANKE, Richard. *Uma reconstituição da estratégia freudiana para a justificação do inconsciente*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* 11, 2008, p. 31-51.

DOUVEN, Igor. "Abduction", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2021. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2021/entries/abduction/>>. Acesso em 29/09/2022.

GAY, Peter. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEAR, Jonathan. *Freud*. 2ª ed. Londres: Routledge, 2015.

QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud: Guia de leitura da obra de S. Freud*. 1ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ROUDINESCO, E. *Dicionário de psicanálise*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação, Tomo II*. 1ª edição. São Paulo: Unesp, 2015.